



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS



RAIZA RAMALHO DINIZ QUIRINO

O FANTASMA DE UM CANGACEIRO E O ASSASSINATO DE UM HERÓI:  
SANTA HELENA EM 1927 NAS FALAS DO "REI DO CORDEL".



CAJAZEIRAS - PB

2013

**RAIZA RAMALHO DINIZ QUIRINO**

**O FANTASMA DE UM CANGACEIRO E O ASSASSINATO DE UM HERÓI:  
SANTA HELENA EM 1927 NAS FALAS DO “REI DO CORDEL”.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
Plena em História da Universidade Federal de  
Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, como requisito parcial para obtenção  
do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

**CAJAZEIRAS - PB**

**2013**

**RAIZA RAMALHO DINIZ QUIRINO**

**O FANTASMA DE UM CANGACEIRO E O ASSASSINATO DE UM HERÓI:  
SANTA HELENA EM 1927 NAS FALAS DO “REI DO CORDEL”.**

Esta monografia foi julgada adequada à obtenção do título de Licenciado em História e aprovada em sua forma final pelo Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores.

Cajazeiras - PB, \_\_\_\_\_ de Abril de 2013.

---

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos - Orientador  
Universidade Federal de Campina Grande

---

Prof. Ms. Francisco Firmino Sales Neto  
Universidade Federal de Campina Grande

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Viviane Gomes de Ceballos  
Universidade Federal de Campina Grande

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Rosilene Alves de Melo  
(suplente 1)

---

prof<sup>a</sup>. Ms. Isamarc Gonçalves Lôbo  
(suplente 2)

*À Alice Ramalho Alencar, minha filha amada.  
À Enilda Ramalho, minha mãe guerreira.  
A todos os santa-helenenses,  
A todas as mulheres que conseguem ao mesmo tempo ser mães,  
profissionais, domésticas, estudantes e esposas.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que em sua infinita bondade me concedeu força e coragem em meio às dificuldades do dia-a-dia, me guiando para que eu não desistisse da realização deste sonho.

À minha linda filha, Alice Ramalho Alencar, que apenas por existir motivou-me de forma intensa a concretização deste estudo. A pequena Alice, de nove meses, em meio a sua inocência, foi forte e compreensiva, tendo que conviver durante horas, por vários dias, com a minha ausência e sem os meus cuidados maternos, levando-se em consideração que a realização deste trabalho “roubou” muitos dos nossos momentos de mãe e filha.

Aos meus pais, Leontino Quirino da Silva e Enilda Ramalho Diniz Quirino, que sempre me incentivaram cobrando e orientando-me e, acima de tudo, me apoiando com carinho em todos os difíceis momentos da minha vida acadêmica. Eles foram meu porto seguro, meu exemplo, minha motivação. Obrigada pelas vezes que acreditaram em mim e também pelas que deixaram de acreditar. Estes momentos talvez foram os mais importantes, pois não deixaram de me instigar.

Em especial agradeço a *mainha*, porque além de amiga e de me estimular diante as dificuldades, abriu mão dos seus afazeres e se prontificou a cuidar da minha pequena *Alicinha* por várias horas de muitos dias. Sem esta honrosa contribuição este trabalho seria inviável.

A John Lucas Alencar, esposo amado, pela paciência, carinho e também pelas críticas que impulsionaram o meu caminhar.

Também ofereço humildemente minha gratidão ao meu orientador e professor *Dr. Rodrigo Ceballos* pelas sugestões valiosas ao longo do processo de construção deste estudo. As orientações, indicações de leituras, a firmeza, boa vontade, paciência, modéstia e acima de tudo a gentileza que lhe é uma característica própria.

Não posso esquecer-me de agradecer aos meus outros professores, que ao longo do curso também foram importantes colaborando com meus estudos e, principalmente, me ensinando a pensar. Em especial agradeço ao *profº. Ms. Pacceli Gurgel (In Memoriam)*, *profº. Dr. Manoel Dionizio Neto*, *profª. Ms. Viviane Gomes de Ceballos*, *profª. Drª. Silvana Vieira*, *profª. Ms. Luciana Medeiros*, *profª. Drª. Maria Lucinete Fortunato*, *profº. Rubsmar Galvão*, *profº. Ms. Firmino Neto* e *profº. Ms. Isamar Gonçalves Lôbo*.

Agradeço carinhosamente a professora *Ms. Rosilene Alves de Melo*, que apesar de não nos conhecermos pessoalmente disponibilizou materiais indispensáveis à minha pesquisa. Sem estes, certamente, a investigação teria tomado outro rumo. Os materiais doados foram determinantes no desenrolar deste estudo.

Aos funcionários da coordenação, em especial *Joana Sousa* e *Marta Maria*, pela paciência, gentileza e pela disponibilidade quando precisei ser auxiliada nos problemas burocráticos.

De forma carinhosa, agradeço aos funcionários da biblioteca municipal de Santa Helena por terem sido pacientes durante o período da minha pesquisa e por me nortearem em relação ao acervo. De certa forma, vocês também foram vitais para este estudo.

Às minhas colegas Thays Barros, Ana Paula Nunes, Mariana Oliveira, Evaniete Maria, Anna Cyntia Gonçalves, Gislânea Nunes, Francisca Soares, Laíse Diniz, Luciana de Sousa Cesário, Maria José, Rosiane Alencar, Adriana Ferreira, Tamiris Isidório, Elysdeângela Soares e todas as outras que aqui deixei de citar. Saibam que os momentos e as experiências que compartilhamos e que construímos juntas foram importantes não apenas para a realização deste sonho, mas para a minha trajetória de vida.

Agradeço, ainda, aos que me criticaram e aos que torceram contra mim, pois se tornaram impulsos; foram importantes elementos motivadores na minha caminhada, cultivando em mim o desejo de vencer, de comprovar não pra eles, mas pra mim mesma que eu sou capaz de ultrapassar barreiras, que a força de vontade é o que determina a realização dos nossos sonhos. Para concluir, neste trabalho trilhei caminhos tortuosos e cansativos. Perambulei noites e madrugadas lendo, relendo, refletindo e produzindo, mas nada é mais prazeroso do que este momento de dizer: obrigado a todos que estiveram ao meu lado.

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas.

(GINZBURG, 1989, p. 151)

## RESUMO

O presente trabalho tem por meta abordar e discutir a construção imagético-discursiva da história da cidade de Santa Helena (Paraíba), a partir do episódio da passagem de Lampião e seu bando e o assassinato do delegado Raimundo Luiz, no ano de 1927, quando este município ainda era o povoado “Canto de Feijão”. O material em análise não aponta de onde vinham e nem pra onde seguiam os cangaceiros, mas apresenta algumas “estripulias” cometidas por eles no povoado. A pretensão não é abordar se o fato existiu ou não, mas analisar a memória social em que estas versões e discursos sobre o episódio são construídos e articulados e qual a relação destes discursos com a trajetória do poeta cordelista Raimundo Santa Helena, filho do delegado assassinado. Para tanto, recorreremos à análise de folhetos de cordel do poeta Santa Helena, recortes de jornais e ao curta-metragem: “Santa Helena em os phastomas da botija”.

**Palavras-chave:** Santa Helena (PB), Raimundo Santa Helena, Cangaço, Lampião, Memória.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 01 – Mapa das Mesorregiões Paraibanas .....</b>	<b>19</b>
<b>Imagem 02 – Vista aérea da cidade de Santa Helena em 1970 .....</b>	<b>22</b>
<b>Imagem 03 – Foto da Igreja Matriz de Santa Helena em 1933 .....</b>	<b>25</b>
<b>Imagem 04 – Capa do Cordel: “Lampião e o sangue de meu pai”(1980).....</b>	<b>34</b>
<b>Imagem 05 – Fotografia de Dona Rosa na matéria do jornal Diário de Notícias (Rio de Janeiro – 1975) .....</b>	<b>52</b>
<b>Imagem 06 – O poeta – Raimundo Santa Helena .....</b>	<b>56</b>
<b>Imagem 07 – Laudo médico do Drº. Miguel Morone – (1975).....</b>	<b>59</b>
<b>Imagem 08 – Membros da FUNDVILA – Fundação Vítimas de Lampião (1996) .....</b>	<b>60</b>
<b>Imagem 09 – Cacimbão de Ferro – 1996 (Santa Helena-PB) .....</b>	<b>61</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	01
<b>CAPÍTULO 1 - O CANGAÇO E LAMPIÃO – BREVES CONSIDERAÇÕES</b> .....	05
<b>CAPÍTULO 2 – AS ESTRIPULIAS DE LAMPIÃO E SEU BANDO E O ASSASSINATO DO DELEGADO RAIMUNDO LUIZ EM SANTA HELENA NO ANO DE 1927</b> .....	19
<b>2.1 O curta-metragem: <i>Santa Helena em os Phantasmas da Botija</i></b> .....	27
<b>2.2 Os folhetos de cordel: <i>Lampião em Santa Helena, Lampião e o Sangue de Meu Pai, e Lampião e Minha Mãe Violentada</i></b> .....	37
<b>CAPÍTULO 3 – DE VÍTIMA A FUNDADOR: RAIMUNDO SANTA HELENA, O POETA QUE TRANSFORMOU LAMPIÃO NO “INIMIGO NÚMERO 1 DO POVO BRASILEIRO”</b> .....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	63
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	66

## INTRODUÇÃO

Santa Helena, município do estado da Paraíba (Brasil), localiza-se na microrregião de Cajazeiras. A pacata cidade, que abriga pouco mais de 5.369 habitantes, apresenta uma área territorial de 210 km<sup>2</sup>, resguardando uma história sacralizada pela imagem do “bandido” mais temível da década de 20. Por meio do evento da invasão do “rei do cangaço” e seus cangaceiros à Santa Helena, no ano de 1927, se constrói para esse município uma narrativa histórica que elege a família do poeta Raimundo Santa Helena como aquela que conserva a sua memória social local. Entender como se “fabrica” essa narrativa e o lugar social em que ela é arquitetada consiste no objetivo desta pesquisa.

O interesse pelo tema surgiu a partir das histórias que escutávamos ainda quando criança sobre a passagem de Lampião em Santa Helena, nas quais quando tive a oportunidade de realizar um trabalho acerca dessa história da minha cidade natal, onde cresci e resido. A ocasião colocou-nos diante das mais diversas fontes históricas sobre a cidade; tal trabalho desenvolveu-se na disciplina de História da Paraíba, ministrada pela professora Silvana Vieira, durante o segundo período do curso de História.

A imagem da invasão de Lampião e seu bando no povoado e os eventos relacionados a esta passagem estão presentes na memória da cidade, uma vez que qualquer morador deste local, interrogado sobre a história, é capaz de narrar o evento: a passagem de Lampião em Santa Helena em 1927. Como vários outros municípios vizinhos, pouco se sabe sobre a origem da cidade de Santa Helena, no entanto diversas fontes apresentam o evento do ano de 1927 como seu marco histórico fundacional. Foi este repetido discurso supraregional que também motivou a pesquisa.

Lampião teria passado em Santa Helena em nove de junho de 1927, não havendo indícios de onde vinha e pra onde ia. Ficou na memória social desta cidade sua imagem de “bandido” “sanguinário” por cometer “atrocidades” na localidade. Entre seus atos de crueldade estão o assassinato do então delegado do povoado: Raimundo Luiz.

Esta pesquisa pretende contribuir de forma qualitativa com a produção historiográfica local, levando-se em consideração que não há sobre a história de Lampião em Santa Helena nenhum estudo acadêmico que por meio de uma história-problema discuta os elementos “construtores” da narrativa em foco.

Para tal abordagem analisaremos as seguintes fontes: o curta-metragem: *Santa Helena em os phastamas da botija* (2004), os folhetos de cordel: *Lampião em Santa Helena* (2004), de autoria do cordelista Valentim Martins Quaresma, *Lampião e o sangue de meu pai* (1980)

e *Lampião e minha mãe violentada* (data não identificada), ambos escritos pelo poeta Raimundo Santa Helena.

Reportamo-nos ainda a uma brochura intitulada “Santa Helena do passado ao presente” (sem data) da professora de Geografia Sara Vitoriano, que encontra-se na biblioteca municipal da cidade, sendo concebida como a história “oficial” do município. Analisaremos também outra brochura, escrita pelo poeta Raimundo Santa Helena, também sem datação, intitulada: *Crônicas da Vida Raimundo Santa Helena – Secas e Saques*, que encontra-se na biblioteca municipal de Santa Helena.

Neste estudo faz-se necessário também recorrermos e analisarmos alguns recortes de jornais do Rio de Janeiro, entre eles; “O DIA”, “O DIÁRIO DA NOTÍCIA”, “O GLOBO”, “A NOTÍCIA”, “JORNAL DO BRASIL”, em diferentes épocas, e também a redação do “JORNAL DO COMMÉRCIO” em 1993 de Recife, no qual apresenta-se direto ou indiretamente, por meio da vida do poeta Raimundo Santa Helena, o evento de 1927 em Santa Helena.

A partir do contato com as fontes citadas, o presente trabalho propõe-se a investigar como é construída e reconstruída a história de Santa Helena a partir do suposto episódio da invasão de Lampião e de seu bando no antigo povoado em 1927 e o assassinato do delegado Raimundo Luiz. Procuraremos entender como este evento sacraliza-se na memória social de Santa Helena, tornando-se um fato tão presente e relatado por quase toda a comunidade.

Para comprovação desta pesquisa, foi levantada a hipótese de que a história de Santa Helena é construída e articulada em meio as subjetividades, emoções, lacunas, percas documentais, omissões, seleções e suposições. Uma trama fabricada a partir de um meio social, sendo, portanto produto de um lugar.

Assim como toda produção historiográfica, a historiografia acerca da passagem de Lampião em Santa Helena e os acontecimentos a este fato

Se articulam com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. (...) Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam. (CERTEAU, 2008, p.67)

No Capítulo 1, intitulado “O cangaço e Lampião - breves considerações”, são levantados de forma sucinta alguns aspectos históricos e sociais sobre o cangaço e o cangaceiro Lampião. Ao longo do capítulo se discute conceitos de cangaço, suas peculiaridades e como se configuram imagens de Lampião no espaço do sertão nordestino, a partir da concepção de autores como; Rui Facó (1980), Eric Hobsbawm (1978), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1997), Geralda Lima (2008), José Vieira Camelo Filho - Zuza (2008), Élise Gruspan-Jasmin (2006).

Nossa pretensão é apresentar as percepções que considerou o cangaço num movimento popular contra o sistema vigente. Em contrapartida, enfatizamos a perspectiva do cangaço enquanto fenômeno que socializava-se com o sistema político-econômico e social da época

No capítulo 2, que tem como título “As estripulias de Lampião e seu bando e o assassinato do delegado Raimundo Luiz em Santa Helena no ano de 1927”, partimos para a análise do curta metragem “Santa Helena em os phastmas da botija” (2004), enfatizando e abordando os depoimentos do documentário onde os moradores de Santa Helena, narram a passagem de Lampião no povoado em 1927.

Analisaremos ainda, os folhetos de cordel: “Lampião em Santa Helena”(2004), “Lampião e o sangue de meu pai” (1980) e “Lampião e minha mãe violentada”(sem data). Discutiremos as possíveis versões sobre a invasão do cangaceiro e seus “cabras” e o assassinato do delegado Raimundo Luiz em 1927 no antigo povoado “Canto de Feijão” (atual Santa Helena), no intuito de entendermos como os discursos se divergem, ao mesmo tempo que se completam.

No capítulo 3, intitulado “De vítima a fundador: Raimundo Santa Helena, o poeta que tranformou Lampião no ‘inimigo número 1 do povo brasileiro”, procuraremos entender quais elementos e aspectos são determinantes ou construtores da história de Santa Helena, a partir do evento da invasão de Lampião e o assassinato do delegado Raimundo Luiz.

Neste último capítulo um personagem desta excitante narrativa torna-se objeto de análise. Apresentaremos a trajetória do reconhecido poeta Raimundo Santa Helena, homem cuja história relaciona-se à história dessa cidade, afinidade que, por sua vez, evidencia-se pelo seu apelido. Entenderemos quais foram suas contribuições para a edificação da história do referido município.

O poeta Raimundo Santa Helena é filho do delegado Raimundo Luiz, supostamente assassinado por Lampião em “Canto de Feijão” (Santa Helena) no ano de 1927. O cordelista tem um notado currículo intelectual relacionado à literatura de cordel, portanto é interesse nosso entendermos a relação da sua erudita vida poética com a história de Santa Helena. Para

tanto analisaremos as (re) leituras dos recortes de jornais acima citados que evidenciam a relação do poeta com a cidade de Santa Helena.

# CAPÍTULO 1

## O CANGAÇO E LAMPIÃO – BREVES CONSIDERAÇÕES

O cangaço tem instigado muitos autores nas mais diversas áreas das Ciências Sociais. Entendendo a complexidade e abrangência de obras que discutem o tema e suas peculiaridades, a pretensão deste capítulo não é construir uma abordagem exaustiva, mas breve, passear pelas perspectivas historiográficas acerca de Lampião e do cangaço.

O fenômeno foi considerado por alguns como uma simples forma de criminalidade e banditismo, em outras perspectivas como coniventes com o sistema econômico-político e social da época, e na visão marxista como uma manifestação social e econômica de pobres do interior nordestino, insatisfeitos com as suas condições de vida.

Para a socióloga e escritora de “História do Cangaço” (1997), Maria Isaura Pereira de Queiroz, o termo “cangaço” é antigo e surgiu ainda em 1834, quando “se dizia que certos indivíduos ‘andavam debaixo do cangaço’”. (QUEIROZ, 1997, p.15) A princípio o termo se referia a homens que andavam de chapéu-de-couro, exageradamente armados, com longas facas e cartucheiras de pele de bicho. No entanto, no século XX, mediante as primeiras práticas de roubos e saques no sertão nordestino o termo ganhou outro sentido: surgiu o cangaceirismo e o termo cangaceiro que eram apenas homens “enfeitados”, não errantes, passou a significar bandido.

Na visão da autora, por causa desta caracterização (o uso de chapéu-de-couro, as cartucheiras e os armamentos) na região das caatingas sertanejas, o bandido ganhou o título de cangaceiro. Na mesma época havia banditismo em todo o Brasil, no entanto apenas no interior do Nordeste cangaceiro e bandido tornaram-se sinônimos.

O marxista Rui Facó, em seu livro “Cangaceiros e Fanáticos” (1980), defende que o cangaço é fruto de um atraso econômico, do monopólio de terra, de uma imobilidade social, enfim, seria conseqüência de alguns processos que marcaram o Nordeste ainda no final do século XIX.

Facó muitas vezes é anacrônico quando classifica a conjuntura nordestina do período como medieval e o sistema econômico e político como semi-feudal. Para ele, o cangaceirismo não deve ser um fenômeno entendido à parte da história. Pois trata-se do resultado de um processo que inicia ainda no período colonial, quando as sesmarias privilegiam apenas uma pequena minoria da população brasileira, submetendo milhares de brasileiros a um trabalho que ele chama de semi-servil.

Segundo ele,

O monopólio da terra, abrigando em seu seio uma economia monocultora voltada essencialmente para a exportação de alguns produtos, travou brutalmente o crescimento das forças produtivas. Por mais de três séculos, baseou-se no regime de trabalho escravo, que se levantou como uma barreira à propagação do trabalho livre. (FACÓ, 1980, p. 8).

O autor acredita que o monopólio de terra e o trabalho escravo foram um entrave para o país e em especial para a região Nordeste, mas que a situação do nordestino agravou-se quando o poder passou na segunda metade do século XIX a centralizar-se na região Sul, e que passou a atrair a mão-de-obra nordestina, tanto de escravos como de trabalhadores livres, criando uma desigualdade regional sentida pelos nordestinos até os dias de hoje.

Facó nos diz que em 1877 a 1879 o sertão nordestino conheceu uma grande seca que contribuiu para a emigração em massa de sertanejos que saíam em busca de trabalho para a sua sobrevivência e de sua família. Muitos foram para o Sul do país e outros para a Amazônia, trabalhar nos seringais. A emigração contribuiu para a conscientização dos trabalhadores, uma vez que,

Ao contato com outras gentes, com outras formas de vida social, a concorrência desenfreada entre os donos de seringais, uma luta pela existência muito mais afanosa do que pasmaceira do Nordeste, sua mentalidade se modificara. (FACÓ, 1980, p. 27).

Para ele, a emigração, mesmo que indiretamente, influenciou as manifestações dos sertanejos que aconteciam, principalmente, através do cangaço.

Com a miséria que assolava o interior nordestino, em consequência da seca, e a economia latifundiária estagnada por causa do acentuado desenvolvimento da região Sul do Brasil, “cria-se no Nordeste uma espécie de nomadismo permanente” (FACÓ, 1980, p. 28). Vão eclodindo e formando-se grupos de cangaceiros, rebeldes, que de armas nas mãos passam a roubar, assaltar fazendas e pessoas por todo o sertão nordestino. O autor vê os cangaceiros como pobres interioranos, vítimas de um sistema que além de atrasado era opressor. As lutas assumiam caráter social, uma vez que se relacionavam em oposição ao domínio do

latifundiário e do sistema. Há, portanto uma perspectiva de que o cangaço foi de caráter social.

Eles subvertem a pasmaceira imposta pelo latifúndio durante séculos, provocam choques de classes, lutas armadas, preparam os combates do futuro. Não são ainda a revolução social, mas são o seu prólogo. São os elementos regeneradores daquela sociedade estagnada, em processo de putrefação. Revivem-na, dão-lhe sangue novo, põem-na em movimento, preparam-na para o advento de uma nova época. (FACÓ, 1980, p. 37).

Assim como Rui Facó, Eric Hobsbawm, em seu livro “Rebeldes primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX” (1978), defende a existência de um bandido-social. Para ele o bandido que não é culpado pela população, ou que é protegido em determinados momentos pela população/povo, corresponde a um criminoso que impõe, através de práticas do banditismo resistência a uma sociedade opressora.

Na perspectiva do autor do livro “Lampião o sertão e sua gente” (2008), o Prof. Dr. José Vieira Camelo Filho (Zuza), o cangaço “trata-se de um fenômeno social, onde são classificados vários grupos de pessoas agindo em conjunto” (VIEIRA, 2007, p.48). O autor vê no cangaço, assim como Facó, um movimento social cujas raízes estão fincadas no atraso econômico, político e social decorrente da colonização portuguesa, ou seja, para a ele a gênese do cangaço está diretamente relacionada com os processos históricos do período colonial e do período que o sucede.

O professor entende que o sertão e sua gente foram “prejudicados” pelo processo de colonização. Ainda nos séculos XVI e XVII vieram para o Brasil portugueses despossuídos em busca de melhores condições, no entanto não havia terra para todos e muitos ficaram submetidos aos senhores de engenho que já tinham delimitado suas propriedades.

No sertão o quadro era mais agravante pelas condições geográficas e pelo o que o autor chamou de isolamento econômico e político. As atividades econômicas que geravam renda estavam concentradas na zona da Mata (produção de açúcar), e no Agreste (produção de alimentos destinados ao litoral), enquanto o sertão, situado no interior do Nordeste, estava subjugado às péssimas condições climáticas, como por exemplo, a irregularidade de chuvas, a pecuária extensiva que “sobrevivia” às estiagens e a agricultura de subsistência (produção de mandioca, milho, feijão, arroz) que servia apenas para consumo.

Para Vieira era uma estrutura excludente e carente em todos os âmbitos. Na política o sertão foi abraçado pelo coronelismo, prática intensificada durante o período pós-colonial, onde um latifundiário detinha todo poder econômico, político e social.

Na visão do autor,

A ganância deste grupo era limitada e para manter seu privilégio fazia qualquer coisa. A situação foi se agravando na região porque o crescimento populacional era cada vez maior e o meio de subsistência, que se dava através do acesso à terra, tornava-se cada vez mais difícil, com isso, aumentava-se a dependência do trabalhador sertanejo em relação ao coronel todo poderoso. Daí a ocorrência dos conflitos sociais foram inevitáveis. (VIEIRA, 2008, p. 37).

O sertanejo que perdia a esperança de uma ascendência social e não tinha para onde ir tornava-se jagunço (“capangas”, “pau mandado” dos coronéis – homens que matavam os inimigos do seu senhor). Os que não aceitavam essas condições saíam mundo afora em busca de sobrevivência, entregues à sorte e acabavam entrando para o cangaço. As crises econômicas e sociais, somadas às castigantes estiagens e ao coronelismo contribuíram para o surgimento do cangaço, fenômeno este visto pelo autor como uma resposta às injustiças, uma resistência social, uma reação agressiva inconsciente.

A estrutura sócio-econômica marcada pela dicotomia produz, na perspectiva do autor, uma revolta. “Os sertanejos começam a fazer justiça com as próprias mãos. (...) a falta de justiça naquela região fazia com que o sangue da vingança intrigasse de ódio e terror as terras do interior nordestino”. (VIEIRA, 2008, p. 43).

A autora paulista Maria Isaura Pereira de Queiroz afirma que de fato o cangaço foi uma resposta à miséria que assolava o sertão nordestino, mas não concorda que o fenômeno possa ser configurado como um movimento social. A autora parte da premissa que todo movimento social é consciente, ou seja, é uma ação pensante, racionalizada a partir da análise de problemas econômicos, sociais e políticos.

Para ela o cangaço foi um fenômeno que socializava-se com o sistema, e dele se beneficiava, muito embora o cangaço é resultado de toda estrutura excludente, que tratou de acabar com o desejo dos menos favorecidos de ascender.

Lampião: para que surgisse, foi necessário que se modificasse o cenário econômico, em fins do século XIX, estreitando as possibilidades de emprego para muitos e as possibilidades de ascensão sócio-econômica para outros. Um caminho fácil para superar estes problemas foi o cangaço independente. Lampião não exprimiu nenhum espírito de revolta. Sua atitude foi de acomodação, aliando-se, tranquilamente, com alguns coronéis do sertão para sobreviver. (QUEIROZ, 1997, pp. 13-14).

Enquanto Rui Facó configura o cangaço como o prólogo de uma revolução social, isto é, um fenômeno que se configurava como “revolucionário” já que os sertanejos se manifestavam contra o sistema, Hobsbawm o entende como uma

Forma primitiva de protesto social, onde os cangaceiros oprimidos e mobilizadores: são considerados por sua gente como heróis, como campeões, vingadores, paladinos da Justiça, talvez até mesmo como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e sustentados. (HOBSBAWM, 1975, p.11).

Por sua vez, José Vieira Camelo Filho (Zuza) (2008) afirma ser o cangaço um fenômeno social, cujo fatores de cunho político, econômico e social, atrelados ao espaço geográfico, contribuíram para o seu surgimento e de seus personagens. O cangaço seria, portanto, direcionado às injustiças econômicas e políticas.

Maria Isaura Pereira de Queiroz entende este objeto como uma resposta à miséria, afirmando que os cangaceiros de fins do século XIX a 1940 interagem com o sistema e dele se aproveitava a fim de ascender economicamente e socialmente.

Geralda de Oliveira Santos de Lima (2008), em sua tese de doutorado, parte de uma concepção próxima à de Queiroz. Baseada principalmente nos discursos de autores como Júlio José Chiavenato (1990), Maria Isaura de Queiroz (1987), Alcino Alves Costa (1994), Frederico Pernambucano de Mello (2005), Billy Jaynes Chandler (1980) e diversos outros, a autora apresenta o cangaço como uma manifestação de práticas de poder. Para ela, “o Cangaço é um fenômeno derivado dos interesses de poder”. (Lima, 2008, p. 48). Esta autora entende que existiu uma dinâmica ou uma sistemática rede de trocas de interesses entre os cangaceiros nordestinos e os representantes oficiais do poder político e econômico do Nordeste.

Os estreitos vínculos e alianças que bandos de cangaceiros realizavam, em especial o bando de Lampião, traduzem o que Chiavenato (1900) chamou de banditismo de controle social, fenômeno que usufruía-se das práticas de mando e poder de políticos e coronéis para sobreviver. As proteções e estadias em grandes fazendas, assim como o fornecimento de munições e armas feito por poderosos locais denunciavam a ligação, que existia do fenômeno cangaço com o sistema político, econômico, jurídico e social do sertão nordestino no final do século XIX.

Estas acolhidas e proteções feitas pelos coronéis não existiam por pertencerem a uma elite política preocupada com as mazelas da região e, muito menos, com a finalidade simplesmente de ajudar ao bando. O que havia era uma troca de favores, ou de interesses, pois com estas “ajudas” os latifundiários protegiam seus latifúndios e posses de invasões, saques e tiroteios.

Ao contrário, conforme se esboça na história dos bandidos populares, os cangaceiros foram estimulados e mantidos por grupo de latifundiários, para assegurar o domínio no campo e controlar a população sertaneja (Chiavenato, 1990,p. 48).

Discordando de ideias como a de Rui Facó, de que o cangaço seria um fenômeno de insatisfação social, ou um movimento social, e concordando com Lima (2008), Chiavenato (1990) e Queiroz (1997), entendemos que os cangaceiros, especialmente no período de Lampião (final do século XIX a 1940), não estavam preocupados por uma mudança social. Como parte integrante da sociedade sertaneja, eles possuíam uma intenção política impulsionada pela estrutura social em que viviam e, portanto, estavam preocupados em ganhar visibilidade e um lugar social de destaque.

A pretensão não era desarticular esse sistema que a historiografia chamou de excludente, mas dele participar vantajosamente, tirando proveito de algum lugar de poder: sejam das alianças com poderosos locais ou por atos paternalistas. Os cangaceiros ganhavam espaço interagindo com a dinâmica “excludente”, e por meio dela eles legitimavam-se nas relações de poder locais.

A distribuição de bens entre os pobres, que aliás se fazia muito raramente, orientava-se por uma perspectiva que nada tinha de igualitária.(...) Não

havia, assim, uma partilha que denotasse algum ideal de igualdade de bens, mas uma concepção paternalista (os cangaceiros) para com os inferiores (os necessitados). (QUEIROZ, 1997, p. 65).

Estes cangaceiros não objetivaram tomar a terra dos latifundiários e causar uma revolução social, distribuindo-a entre os menos favorecidos. Esta seria, na visão de Chiavenato (1990), uma construção historiográfica mitológica, falida e ultrapassada, mas que de alguma forma ainda sobrevive até os dias de hoje.

Fica evidente para estes autores que os cangaceiros não se rebelaram contra o sistema. Pelo contrário, eles alimentaram, interagiram com esse sistema, estavam ligados por laços de apadrinhamento, num auxílio mútuo, no qual o jogo de práticas de poder e de interesses individuais prevaleciam e sustentavam as relações.

A criminalidade foi uma nova possibilidade de existência e que os cangaceiros, ou homens pobres, encontraram para “construir” suas ascensões, para melhorar de vida, para obter poder e prestígio social. Vale reafirmar que, no entanto, não havia a intenção de uma mudança social consciente, mas um interesse individual de crescer economicamente, politicamente e socialmente. Por isso o cangaço, a nosso ver, não pode ser visto como um prólogo de uma revolução social.

Na concepção da socióloga Queiroz, o termo cangaço pode ser representado por dois crivos: o cangaço “subordinado aos fazendeiros” e o cangaço “independente”. Essas classificações que o cangaço recebe apontam como a historiografia criou imagens de cangaço na tentativa de compreender e simplificar seu complexo significado.

Na perspectiva do autor de “Nas Trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas representações (1922-1927)”, Wescley Rodrigues Dutra (2011),

A própria tentativa de conceituar pretende enquadrar um determinado objeto ou fenômeno social dentro de uma complexa colcha narrativa/ explicativa. Essa conceituação por si só já é uma maneira de fomentar representações, pois, os conceitos são passíveis de múltiplas interpretações e entendimentos. (DUTRA, 2011, p. 19).

O cangaço local, que Maria Isaura Pereira de Queiroz chamou de “subordinado aos fazendeiros”, surgiu a partir de disputas coronelistas e intrigas familiares. Existiam enquanto houvesse a “arenga” e acabava parcialmente quando a questão era resolvida.

Queiroz entende que durante o Império brasileiro os partidos políticos: conservadores e liberais foram pretexto para as disputas entre os potentados. Se um fosse conservador o seu rival era liberal, e vice-versa. Os coronéis possuíam seus agregados, homens que moravam em suas terras e delas tiravam seu sustento e em troca colocavam-se de prontidão para “proteger” a todo preço o seu senhor.

Então, para resolver as intrigas, estes poderosos juntavam seu bando de cangaceiros, que eram compostos por seus moradores, vaqueiros e jagunços, e iniciavam os conflitos “em que os bandos de cangaceiros de uma ou de outra família fechavam caminhos, saqueavam viajantes, entupiam cacimbas, esvaziavam açudes, incendiavam casas de fazenda, atacavam povoações”. (QUEIROZ, 1997, p. 24) “O cangaceirismo local não ultrapassava as fronteiras municipais” (VIEIRA, 2008, p. 45), o que principalmente o diferencia dos demais.

O cangaço que Queiroz (1997) chamou de independente surgiu na Primeira República, no ano de 1900, onde o bando não se prendia a um local, a um coronel ou a uma questão familiar. Seus integrantes se destacavam como autônomos porque seu inimigo era o governo, o sistema, os administradores públicos, a polícia, muitas vezes o próprio coronel. Porém, para que toda estrutura cangaceirística existisse eram mantidas alianças. Entre seus aliados estavam: padres, policiais, juízes, prefeitos, coronéis e alguns membros da comunidade, muitas vezes chamados de coiteiros.

Os cangaceiros eram convidados a se aliarem e que, a nosso considerar, aponta a existência de uma troca de interesses. Seus aliados não hesitavam em convidá-los, pois firmada as alianças estariam protegidos contra saques, assassinatos, sequestros, etc. Seus aliados lhes forneciam munição, abrigo e até mesmo dinheiro.

De acordo com Queiroz (1997) o primeiro grupo independente foi o de Antônio Silvino, atuante no sertão da Paraíba, Pernambuco e Ceará. Silvino também foi o primeiro cangaceiro a aceitar uma publicização do seu nome em jornais, dando início a construções de representações da imagem de um cangaceiro. Mas foi com o grupo de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, que o cangaço tido por independente atingiu o seu ápice. O fim do cangaço independente foi marcado com a morte de Corisco, sucessor de Lampião. É a este cangaço, de fins do século XIX a 1940, nomeado pela historiografia por independente, configurado na imagem de Lampião, que os próximos capítulos se reportarão.

Antes é importante questionarmos: quem foi aquele que Billy Chandler (1980) chamou de “Rei do Cangaço”? Quem foi o cangaceiro cuja imagem ganhou ao longo dos anos várias faces? Quem foi o homem que Élise Grunspan-Jasmim nomeou de “Senhor do sertão”?

Porque vários outros títulos consagram o conhecido Lampião ora como herói, ora como bandido? Como Lampião entrou para o cangaço e se tornou o modelo do ser “cangaceiro”?

A biografia de Lampião é um tanto complexa, pois a historiografia detém um grande acervo de versões sobre o tema. Não há uma história do “rei do cangaço”, mas uma gama de versões que ora se contradizem, ora se assemelham, espalhadas pelas mais diversas fontes: documentos escritos, depoimentos de ex-cangaceiros e de ex-policiais, relatos de coronéis, autoridades e “anônimos”, folhetos de cordéis; enfim, fontes que de alguma forma falam de um Lampião. Não há um consenso em relação à sua origem, o que intensifica a criatividade de um mito, e recheia de curiosidades as diversas pesquisas.

Deixando explícito que não há acordo na documentação acerca da data precisa do nascimento de Lampião, Lima (2006) compreende que aproximadamente em 1898 nasce em uma fazenda em Inganzeira às margens do riacho São Domingos, no Município de Vila Bela, atualmente Serra Talhada, o terceiro filho de Ferreira da Silva, e Maria Lopes, Virgulino Ferreira da Silva, vulgo, Lampião.

Élise Gruspan-Jasmin relata que existem divergências historiográficas quanto ao local de nascimento de Lampião. Para a autora os testemunhos orais, os poemas de cordéis e os mais diversos documentos procuram “anexar a personagem ao seu próprio território – pois a proximidade de um grande homem é uma vantagem considerável” (GRUSPAN, 2006, p. 46). Porém, “sobre o local de nascimento de Lampião, Serra Talhada parece, desde então, ter adquirido certa legitimidade”. (GRUSPAN, 2006, p. 47).

Na verdade Lampião se configura na medida em que se exploram as mais diversas fontes. Ele é, portanto, um corpo em várias imagens, é um rosto de faces múltiplas, construídos a partir dos discursos e das peculiaridades de suas fontes. É uma imagem nascida da subjetividade de quem a fala. “É possível criar representações múltiplas em torno de um sujeito” porque “a imagem social é passível de mutação e apropriação”. (DUTRA, 2011, p. 16) É esta multiplicidade de versões, de concepções, e as divergências conceituais, a sua diversidade de fontes, que criam e recriam o mito Lampião.

O próprio Lampião, quando posa para uma foto, quando concede entrevistas ou recita sua trajetória por meio de repentes, participa dessa construção histórica, imagética e múltipla. Seja ato consciente ou não, o fato do próprio Lampião ter “registrado” seus feitos e sua trajetória, demonstra uma tentativa de configurar-se na história e de constituir-se como uma figura política, de grande visibilidade. O próprio cangaceiro constrói discursos de si, seja pelo ângulo escolhido na hora da foto, ou pela quantidade de adjetivos inseridos nos repentes.

O fato é que ele é produtor de sua própria história, e que isto significa que os cangaceiros eram conscientes e articuladores de suas ações, eles agiam e ostentavam prazerosamente suas atuações ao público. Esses homens que a historiografia tradicional vê como “ignorantes” ou “bandidos sanguinários”, são agentes históricos que se constroem e são construídos, que se apresentam e são representados por discursos, elaborados a partir de fotografias, filmagens, jornais, repentes, relatos, por meio da roupa, do chapéu de couro, da caatinga, etc.

A historiografia remonta diversas versões, acontecimentos que antecedem o nascimento de Virgulino Ferreira da Silva e que supostamente o liga ao cangaço. Entre esses acontecimentos se destacam as querelas familiares, brigas e “arengas”. Antes de ligeiramente apresentá-las, é necessário esclarecermos que não há aqui uma tentativa de mostrar a versão mais eloqüente (até porque ela não existe), e reafirmar que as contradições destas versões construídas é o que fomenta a riqueza de nossa pesquisa.

Em torno destas questões ligadas às “arengas”, brigas e violência que a historiografia tradicional pontua como atividades rotineiras no sertão nordestino, surge a necessidade de discutirmos de forma breve o problema dos discursos estereotipados do Nordeste e seus habitantes.

Quem reflete sobre esse pensamento de forma coesa e interessante é o paraibano Dr. Durval Muniz de Albuquerque Jr, atualmente professor na UFRN, do Programa de Pós-Graduação em História. Na visão do autor, em “A Invenção do Nordeste e Outras Artes” (2006), palavras e adjetivos que saíram das músicas, dos romances, do teatro, da mídia construíram ao longo do tempo argumentações e imagens do que seria o Nordeste e o nordestino. Corajoso, destemido, forte, “cabra macho”, “mulher macho, sim sinhô!”, foram determinantes e influentes na construção de um discurso que consagrou o nordestino e seu espaço e que deu à violência um sentido cultuado, “necessário” e “imprescindível”.

O Nordeste passou a ser representado pelos vários discursos como o espaço seco, onde a fome, a miséria e a violência predominam; e os nordestinos uma população semi-analfabeta que buscava sobreviver em meio às secas e as dificuldades, submergida nas práticas de apadrinhamentos. A vingança passa a configurar-se (devidos aos estereótipos) parte da moralidade do homem nordestino. Discursos como: “quem não se vinga está moralmente morto” (BARROSO, 1931, p. 59) “criaram” o homem nordestino e estão fortemente presentes na historiografia tradicional.

Lampião e sua trajetória múltipla, assim como o cangaço e suas várias concepções estão inseridos nestes discursos e estereótipos. A historiografia apresenta várias versões por

meio de uma narrativa cronológica de fatos, na intenção de montar o “nascimento” do cangaceiro Lampião.

Uma das versões acerca da origem familiar de Lampião é que seu avô,

Antônio Alves Feitosa, implicado na luta de famílias entre Montes e Feitosas no Ceará, tendo morto um inimigo mais ou menos poderoso, fugira para Pernambuco com o filho José, estabelecendo-se perto da vila de Carqueijo, levando daí por diante vida pacífica de fazendeiro (QUEIROZ, 1997, p. 46).

Na versão da socióloga Queiroz (1997), José – adotou o nome de Ferreira da Silva –, para “fugir” das antigas disputas e contendas. No entanto, o pai de Virgulino Ferreira da Silva, acabou se envolvendo novamente em uma querela familiar, em Serra Talhada.

Existia uma disputa por poder local entre os Pereiras e os Carvalhos, e José Ferreira, pai de Virgulino, tinha alianças com os Pereiras, conseqüentemente tomara partido por eles. Seu vizinho e fazendeiro José Saturnino da família Nogueira, era aliado aos Carvalhos.

Para Vieira (2008),

O início da vida de crime dos irmãos Ferreira teve origem a partir de uma briga por causa de um roubo de cabras de sua família, praticado por um agregado de José Saturnino Alves de Barro, o Zé Saturnino, que tinha uma propriedade de nome Fazenda Pedreira que fazia divisa com a propriedade dos Ferreiras de nome Passagem de Pedra (VIEIRA, 2008, p. 58).

Após esses descontentamentos houve uma série de outras intrigas, perseguições e conflitos entre as partes envolvidas. Apesar de muitas vezes os Ferreiras terem se mudado, as brigas não cessaram e culminaram com o assassinato do pai de Lampião, José Ferreira da Silva, em 09 de junho de 1920, apenas 15 dias depois da morte de sua esposa, mãe de Lampião, vitimada de um enfarto.

De acordo com Vieira (2008), o patriarca dos Ferreira foi assassinado em um ataque comandado pelo sargento José Lucena de Albuquerque Maranhão e sua volante. O ato aconteceu ainda por causa das intensas confusões familiares e porque os Ferreiras, principalmente Lampião e seus irmãos, eram vistos como uma “ameaça” a paz da região.

Folhetos de cordéis, assim como depoimentos colhidos por Grunspan (2006), apontam diferentes discursos sobre a entrada de Lampião na ilegalidade. “A maioria das narrativas apresenta Virgulino como um menino já dotado daquele caráter violento que o caracterizará mais tarde como cangaceiro”. (GRUNSPAN, 2006, p.50).

Por outro lado, narrativas o colocam “como uma criança despida de agressividade apesar de valente, levando uma vida tranquila até ser impedido, contra sua vontade, pela força do destino” (GRUNSPAN, 2006, p. 51). Versos de cordéis apresentam o fato de “Virgulino ter sempre manifestado o desejo de ser vaqueiro, o que equivale um lugar de honra na sociedade tradicional do sertão”. (GRUNSPAN, 2006, p.51).

Diante destas montagens defendidas pelos autores apresentados, surge uma inquietação; qual seria a contribuição destas narrativas cronológicas para a história de Lampião? Por que tantas contradições, datas, nomes e, ao mesmo tempo, lacunas?

Não são as datas, os sobrenomes, os locais, as intrigas, as querelas que dão existência ao cangaceiro Lampião, mas sim as análises múltiplas dos historiadores. São as falas dos depoentes e também os seus silêncios em alguns momentos, o repente dos folhetos de cordel, as contradições das versões, as lacunas, as reticências, o cinema, os jornais, as músicas e os instrumentos, a subjetividade das fontes, a interpretação do leitor que criam o mito Lampião. Talvez o leitor ao interpretar este trabalho dê “vida” a uma nova imagem de cangaceiro, monte uma nova versão, faça “(re)nascer” um outro Lampião.

Quando entrou para o cangaço Lampião trouxe inovações até então não usadas por outros bandos de cangaceiros e que a ele rendeu o título de “rei do cangaço”, chamado assim pela historiografia após sua morte. Em 1922 a região Nordeste ainda que de forma lenta, caminhara rumo ao “progresso”, estradas eram abertas, ferrovias desenvolviam-se, telégrafos eram instalados, assim como escolas e delegacias, cresciam os números de comerciantes que comercializavam artigos vindos do litoral, cresciam também os números de habitantes, enfim uma gama de transformações que vinham acontecendo, um contexto novo para o cangaço, que ao invés de desfavorável, passou a ser aliado.

Lampião se adaptou rápido e muito bem as novas condições, e transformando-as em aliadas. Os comerciantes davam dinheiro, armamento e munição (mais desenvolvidas, uma vez que vinham do litoral) a Lampião, com medo de serem perseguidos pelo cangaceiro, a proliferação de comerciantes e as alianças feitas com eles ofereciam novas condições para a continuação dos cangaceiros.

Lampião se movimentava agora na caatinga com muito mais facilidade do que seus predecessores, seu raio de ação se tornara incomparavelmente maior do que o dos cangaceiros anteriores, a sua permanência também ultrapassou tudo quanto houvera antes (QUEIROZ, 1997, p. 46).

Além das novas condições favoráveis, Lampião era articulador e seu bando era sistematicamente organizado, “dividido em patrulhas de no mínimo seis homens, dispersava-se por vários estados do Nordeste, sem deixar, porém a região do Sertão” (QUEIROZ, 1997, p. 48). Essas divisões dificultavam o trabalho da polícia, pois dispersos, quando sentiam-se ameaçados saíam em direções opostas, confundindo as tropas policiais.

Andavam silenciosos e ocultos nos carrascais, em passinho rápido e característico, em que as alpercartas de couro faziam no chão seco o xá-xá-xá que denunciava a sua chegada. Seu raio de ação era mais ou menos de 50 léguas, por entre as noites de espinhos, pois cangaceiro não andava por estradas. Dissimulavam-se pelas caatingas, esgueiravam-se pelas casas e justificavam plenamente o que uma vez afirmara Sinhô Pereira a Optato Gueiros: ‘Cangaceiro é invisível, só é visto quando quer e vê todo mundo sem ser visto...’ assim eram Lampião e seu bando, de onde a fama de serem protegidos por forças ocultas, o que aumentava o terror que semeavam (QUEIROZ, 1997, p. 49).

Um ato de Lampião que o consagrou inovador no cangaço foi quando ele quebrou a regra de que em bando de cangaceiros não existiam mulheres, e em 1928 ou 1929, conhecendo Maria Bonita, filha de um proprietário de uma fazenda em Jeremoabo, que vivia com um sapateiro, não relutou em levá-la com ele. Maria Bonita praticou atividades cangaceirísticas, pegou em armas e lutou nos conflitos.

Depois outros cangaceiros do seu bando também tiveram mulheres participantes ativas nas práticas cangaceirísticas. “A paixão de Lampião por Maria Bonita determinara assim uma modificação na composição dos bandos de cangaceiros” (QUEIROZ, 1997, p. 51).

Lampião também se destacou pela velocidade em que adentrava e percorria o sertão nordestino. Queiroz (1997) narra que apenas no ano de 1926, aconteceram catorze ocorrências de grandes proporções que chamaram a atenção das autoridades, quase sempre duas por mês, e que “a cada dois ou três meses de intensa atividade, seguia-se outro tanto de repouso” (QUEIROZ, 1997, p. 50).

Lampião descansava em fazendas e regiões de coronéis e autoridades que com ele mantinha laços de interesses. De acordo com a autora Queiroz foi num desses descansos na fazenda do Coronel Antônio Carvalho, na comunidade de Angico (Sergipe), em 1938, que Lampião travou sua última batalha, juntamente com oito cabras do seu bando, Maria Bonita e outra mulher, possivelmente esposa de algum dos cangaceiros.

Muitos consideram que Lampião só foi morto porque foi vítima de traição, “um comerciante com quem habitualmente negociava capturado pela polícia, não apenas revelou o esconderijo, mas também guiou a tropa até lá”. (QUEIROZ, 1997, p. 54).

Todos os cangaceiros, ao todo onze, inclusive Maria Bonita e outra mulher foram mortos e decapitados e suas cabeças expostas. Durante muito tempo “integraram o acervo do Museu Nina Rodrigues, pertencente ao Instituto Antropológico e Etnográfico da Bahia” (QUEIROZ, 1997, p. 55). “Trinta anos mais tarde, a filha e os netos do grande cangaceiro conseguiram autorização para a inumação dos restos mortais de todos” (QUEIROZ, 1997, p.55)

Após a morte de Lampião as atividades cangaceirísticas continuaram, e outros chefes do cangaço também se destacaram. Entre eles esteve Corisco, também conhecido por Diabo Louro, que foi integrante do bando de Lampião. De acordo com QUEIROZ (1997), o cangaço que a historiografia nomeou independente, só chegou ao fim aproximadamente dois anos após a morte de Lampião, em 1940, data que marca também a morte de Corisco.

Entendido alguns dos complexos aspectos históricos e sociais sobre o cangaço e Lampião, e como se configuram imagens do cangaceiro no espaço do sertão nordestino a partir da historiografia e seus conceitos sobre cangaço, convidamos o leitor a adentrar aos próximos capítulos a fim de entendermos como Lampião e suas imagens ganham espaço na história da cidade de Santa Helena (Paraíba).

## CAPÍTULO 2

### AS ESTRIPULIAS DE LAMPIÃO E SEU BANDO E O ASSASSINATO DO DELEGADO RAIMUNDO LUIZ EM SANTA HELENA NO ANO DE 1927

A pacata cidade de Santa Helena, no estado da Paraíba, está localizada na atual microrregião de Cajazeiras, no Alto Sertão paraibano. De acordo com dados do IBGE (2010), limita-se a Norte com a cidade de Triunfo, ao Sul com Bom Jesus e Cajazeiras, a Leste com a cidade de São João do Rio do Peixe e a Oeste com o estado do Ceará. Atualmente a cidade abriga aproximadamente 5.369 habitantes em uma área territorial de 210km<sup>2</sup>.



Mapa das mesorregiões paraibanas.

Disponível em: <http://ejainterativo.blogspot.com.br/2010/10/programa-brasil-alfabetizado.html>.

Acessado em: 01/04/2013

Poucos documentos existem sobre a origem da cidade. Encontra-se na Biblioteca Municipal de Santa Helena apenas uma brochura, sem data, com limitadas informações e que, de acordo com a bibliotecária, é uma readaptação de outro texto de autoria do professor, licenciado em História, Geraldo Alves Correia. Correia seria, então, o autor do primeiro trabalho historiográfico sobre a origem de Santa Helena, realizado provavelmente por volta de 1996, e que desapareceu sem vestígios da biblioteca. O resumido texto que hoje existe tem como autora a jovem professora de Geografia do município de Santa Helena, Sara Vitoriano de Sousa.

Questionada sobre o documento, Sara Vitoriano nos relatou que o texto foi readaptado por ela no ano de 2009, e teve como base justamente o trabalho do professor Geraldo Alves Correia, intitulado “A História de Santa Helena” (1996). Em contrapartida a essa perda documental, muitos são os relatos e os folhetos de cordel sobre o tema. Porém todas as fontes se limitam a um único discurso, o que nos restringe e ao mesmo tempo nos inquieta.

A brochura de Sara Vitoriano, intitulada “Santa Helena do passado ao presente”, sem datação, conta que a origem da pequena cidade, como muitas outras ao seu redor, está atrelada a de São João do Rio do Peixe. A relação com o município vizinho começou ainda no início do século XVII, quando o senhor Luiz Quaresma Dourado e a Casa da Torre adquiriram várias sesmarias, na então ribeira do Rio do Peixe: “era apenas mata com um riacho e terreno arenoso, deu-se o estabelecimento de uma fazenda de criação de gado, as margens do rio do Peixe, por volta ainda do ano de 1691.” (Vitoriano, s/d, p.01) se tornando povoado apenas em 1918.

Com boas extensões de terras para a produção do feijão, Santa Helena, quando ainda povoado no início do século XX, foi chamada de “Canto de Feijão”. O povoado só começou a se desenvolver, assim como muitas cidades do interior nordestino, a partir da construção da Via Férrea – RVC (Rede Viação Cearense) em 1922. A Via Férrea funcionava ativamente no transporte de passageiros, levando-os de Fortaleza à Recife. Hoje, esta funciona apenas no transporte de cargas.

A obra de Gervásio Batista Aranha (2001), “Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e Região: Tramas políticos-econômicas e Práticas culturais (1880 – 1925)”, aborda como o trem tornou-se símbolo de modernidade para as vilas, cidades e povoados que passam a conhecer o “novo” transporte entre os anos de 1880-1925.

Batista Aranha defende que as linhas ferroviárias são frutos de reivindicações marcadas por interesses individuais, agentes que argumentam em nome do progresso e do interesse público, utilizando-se de discursos comoventes, de teatralização, de boas oratórias balizadas no problema da miséria e na necessidade do progresso das localidades, visando apenas interesses econômicos individuais.

De acordo com o autor, quando uma localidade era beneficiada com uma estrada de ferro, quando o trem passa a parar em sua estação ou a compor aquela comunidade, há enormes festas, com discursos de políticos importantes, fogos de artifícios, comidas e bebidas, e até bandas. A comunidade recebia multidões. Todas as pessoas iam para contemplar com vivas e aplausos a “chegada” do trem.

É que, no imaginário local, a chegada do trem parece a realização de um sonho. Os políticos/ou letrados, em nome dessa ou daquela localidade, fazem tanto alarde, nos discursos parlamentares ou nos materiais produzidos para a imprensa, em torno das benesses de uma estrada de ferro, que quando uma cidade, vila ou povoação qualquer entram para o rol das possíveis beneficiadas, seus habitantes já não falam em outra coisa. O desejo de contar com uma estrada de ferro, alimentado durante anos na maioria das comunidades, é incorporado ao imaginário local como um sonho. Daí as referências ao entusiasmo geral quando ele torna-se real; daí a efusão nas festas comemorativas. (ARANHA, 2001, p. 379).

Nossa intenção aqui é entendermos; por que apenas em 1922, com a construção da Via Férrea, o povoado começa a se desenvolver? Qual significação teve a linha do trem para o então povoado “Canto de Feijão” e para seus moradores a partir do ano de 1922?

Na perspectiva de Gervásio Aranha o trem, enquanto signo do moderno, provocou nas localidades e na vida dos seus moradores um grande impacto.

Por meio de imagens que o erigem como signo moderno relacionando à emergência de um novo espaço-tempo. (...) quando relacionado ao mundo da cultura, não só provoca mudanças de dignas de nota em todas as comunidades por onde passa (...) como provoca mudanças no dia-a-dia de todos seus atores sociais e não de uma minoria em detrimento da maioria. Essas mudanças, se expressam em formas de novas sensibilidades relacionadas ao advento do moderno, ou seja, mudanças que pressupõem uma vida cotidiana marcada por novos ritmos e, conseqüentemente, por uma nova noção do espaço-tempo. (ARANHA, 2001, p. 03).

O trem era entendido como um símbolo moderno porque era um projeto importado da Europa. Conforme enuncia o autor, qualquer “projeto” relacionado ao transporte e a comunicação que fossem importados das cidades européias “civilizadas” no período de fins do século XIX e, principalmente, no início do século XX era, portanto, símbolo de modernidade, pois as comunidades ou cidades estavam aderindo ao “novo”, ao “progresso”.

A locomotiva também era sinônimo de modernidade pela sua relevante velocidade em relação aos antigos meios de transportes (animais):

Profundo impacto na vida cotidiana das comunidades contempladas com o novo equipamento (...) como primeiro transporte terrestre dito moderno,

tendo surgido bem antes do automóvel, o trem realmente implica em um novo padrão de velocidade até então desconhecido, seja por imprimir uma nova dinâmica à circulação de mercadorias, seja por permitir o deslocamento rápido ao corpo físico do homem. (ARANHA, 2001, p. 342).

Foi a partir de 1922, com a construção da Via Férrea que o povoado “Canto de Feijão”, hoje Santa Helena, que a cidade deu seus primeiros passos rumo ao desenvolvimento urbano. Para a manutenção da Linha Férrea, foram criados a estação e o cacimbão de ferro que servia para abastecer os trens à lenha que cruzavam o vilarejo, uma vez que estes trens necessitavam da água como combustível para funcionar. Até hoje este “cacimbão de ferro” que é uma espécie de poço, revestido de metal, com disponibilidade e acúmulo de água, é utilizado quando há falta d’água na cidade.

Foi armado um acampamento onde posteriormente tornou-se a sede municipal da linha férrea e construídas as casas de turmas (e que até hoje são referenciadas nas falas dos moradores da cidade). Estas casas eram as residências para as pessoas da manutenção da Via Férrea. Não há mais resquícios físicos delas, os únicos registros estão memorizados por fotos e relatos.



**Vista Aérea da cidade de Santa Helena em 1970**

Fonte: acervo fotográfico da biblioteca municipal delegado Raimundo Luiz. (Santa Helena – PB).

O texto exposto na Biblioteca Municipal não fornece dados de onde vieram os primeiros trabalhadores da via-férrea, o que não impede nossa reflexão de que estes homens vindos de localidades vizinhas trouxeram suas experiências de vida, suas impressões, credences, culinária, enfim, seus costumes em comum. Alguns construíram suas famílias e suas histórias por aqui, como é o caso do delegado Raimundo Luiz. Tornaram-se então, produtos e produtores da história de Santa Helena.

Na perspectiva da historiografia local (como dito acima, uma limitada brochura, adaptada por Sara Vitoriano) e dos folhetos de cordel, o povoado de nome “Canto de Feijão” teve como fundadores os agricultores: Raimundo Luiz do Nascimento, Gonçalo José Vitoriano e Joaquim Alves de Oliveira. Não há dados de onde vieram, e há controvérsias no ano em que aqui se instalaram.

De acordo com o cordel de autoria de Valentim Martins Quaresma Neto, que fabrica uma representação da origem histórica de Santa Helena em “Lampião em Santa Helena” (2004), os “fundadores” da cidade se instalaram aqui em 1926. Já o cordelista Raimundo Santa Helena, filho do “fundador” Raimundo Luiz do Nascimento, em depoimento ao curta-metragem “Santa Helena em Os Phastomas da Botija” (2004), afirma que o seu pai se abrigou aqui em 1918.

A deficiência dos dados omite como os “fundadores” adquiriram a terra. Analisando um verso do cordel “Lampião em Santa Helena” (2004), supomos que estes agricultores compraram a terra ao latifundiário Luiz Quaresma Dourado, ou receberam como doação.

No ano de vinte e cinco  
Era simplesmente mata  
Com um pequeno riacho  
Correndo pela cascata,  
E um terreno arenoso  
Perto de um alto vistoso  
Terra boa e barata.  
(QUARESMA, 2004, p. 01)

O folheto de cordel cria uma imagem do nascimento de Santa Helena, assegurando que Joaquim Alves de Oliveira, Gonçalo José Vitoriano e Raimundo Luiz supostamente chegaram à localidade interessados pela boa informação das terras, na produção de milho, algodão e feijão (principalmente), tal como relata o referido cordel:

Como o fantasma da seca  
Naquele ano não veio,

Joaquim chamou a família  
 Catou e botou no seio  
 Trinta quartas de feijão  
 Cem arrobas de algodão  
 O armazém ficou cheio.

O homem admirado  
 Com aquela produção  
 Disse pra sua mulher,  
 Chorando de emoção:  
 - Eu era um retirante  
 Feito um judeu errante  
 Agora não sou mais não.

Vou criar minha família  
 É aqui nesse torrão.  
 Vou construir uma casa  
 Fazer nova plantação  
 E meu lugar é aqui  
 Nunca mais eu vou sair  
 Desse Canto de Feijão.  
 (QUARESMA, 2004, p.01-02)

Dos três primeiros moradores que teriam se instalado no Canto de Feijão, Raimundo Luiz do Nascimento tem seu nome destacado na memória social desta cidade; homem cuja história de vida confunde-se com a história da cidade.

De acordo com a obra “Crônicas da Vida Raimundo Santa Helena – Secas e Saques” (s/d), Raimundo Luiz do Nascimento, agricultor e mestre -de- linha da Rede Viação Cearense tem hoje seu nome rememorado na história de Santa Helena como o grande feitor e pai fundador do município.

Em depoimentos ao curta-metragem: “Santa Helena em Os Phastasmas da Botija” (2004), moradores afirmam que Raimundo Luiz do Nascimento tornou-se delegado e líder do povoado. Fato também apontado pela representação do verso de cordel “Lampião em Santa Helena” (2004), de autoria de Valentim Quaresma.

Logo Raimundo Luiz  
 Que era recém-chegado  
 Cabra forte do sertão  
 Passou a ser delegado  
 Para dar a segurança  
 E o povo ter confiança  
 E ficar mais sossegado.  
 (QUARESMA, 2004, p.03)

O discurso de um dos principais autores sobre o assunto, Raimundo Santa Helena, justamente o filho do delegado Raimundo Luiz, afirma que seu pai foi um “grande feitor” no

povoado. Foi o construtor do cacimbão de ferro em 1922, da caixa d'água que na perspectiva do autor foi o símbolo do “progresso” de Santa Helena, na época chamada de “Canto de Feijão”, e contribuiu ainda para a construção da primeira igreja da cidade.

Hoje a biblioteca Pública Municipal da cidade de Santa Helena e uma das ruas da cidade têm o nome do então delegado Raimundo Luiz do Nascimento. Foi, portanto, nesta perspectiva de líder e fundador de Santa Helena que Raimundo Luiz fincou-se na história da cidade.

Além de líder e fundador, Raimundo Luiz também entrou para a história de Santa Helena como vítima e herói, uma vez que sua morte está ligada a invasão de cangaceiros ao povoado em 1927. Provavelmente os cangaceiros utilizavam as vias ferroviárias como referência para suas atividades cangaceirísticas, invasões e saques, pois como explica Aranha (2001) o trem passou a significar símbolo do advento da modernidade, o que despertava o interesse dos cangaceiros que passaram a seguir os trilhos do “novo”, do “moderno” para realizar seus ataques.

De acordo com o texto de Sara Vitoriano, Joaquim Alves de Oliveira, homem tido de forte religiosidade, fez doação de uma faixa de terra para a construção de uma capela que curiosamente foi, a princípio, construída em lugares diferentes. Porém, apenas em 1933 foi edificada definitivamente no local onde se encontra. A capela foi erguida com a ajuda da comunidade e, inclusive, com a ajuda dos trabalhadores da via-férrea, reforçando-se a importância do trem como símbolo de progresso da cidade.



**Foto da Igreja Matriz de Santa Helena em 1933**  
**Fonte: acervo da Igreja Matriz de Santa Helena – PB**

Analisando tais fatos podemos perceber que a brochura de Vitoriano, o cordel de Raimundo Santa Helena e os relatos dos moradores dão aos senhores Raimundo Luiz do Nascimento e a Joaquim Alves de Oliveira o título de “fundadores da cidade”. De um lado, o seu trabalhador, o mestre da via-férrea responsável pelo progresso da região e, do outro, o seu crente fervoroso, idealizador da capela da cidade. São estes dois pólos fundacionais da cidade que rodeiam a imaginação dos seus moradores. Falas que rebatem e se repetem pelas janelas e varandas das casas, pelos poucos folhetos sobre o assunto e, finalmente, entre as falas dos parques estudiosos sobre a cidade.

Outro personagem histórico recriado pelos discursos locais foi o do vigário Joaquim Cirilo de Sá, conhecido como Padre Sá, que veio a “Canto de Feijão” encarregado em manter o povoado abençoado por Deus. Ele teve grande prestígio social no povoado. De acordo com as fontes a vila teve seu nome mudado para Santa Helena, como forma de homenagear a senhora Helena Maria do Sacramento Sá, mãe do Padre Sá, o que aponta o lugar de prestígio que tinha o vigário no povoado “Canto de Feijão”.

Para “fortalecer” a fé do povoado se fez necessário uma imagem pra ser adorada, e sem dados sobre a data chegou à vila a primeira imagem da “Santa Helena” vinda do Juazeiro do Norte, de cor preta por ser esculpida em madeira. Como nos aponta a brochura em análise, a imagem não agradou aos paroquianos que só ficaram satisfeitos quando o Tenente Eptácio Limeira trouxe outra imagem do Rio de Janeiro, desta vez mais elaborada e de cor branca, que se encontra até hoje na paróquia. A imagem teve grande importância neste contexto, pois por meio da fé e da devoção sacralizou-se como símbolo histórico da cidade.

O povoado passou a vila em 1957 pela Lei. 144 durante a administração do prefeito constitucional de Antenor Navarro (atualmente, São João do Rio do Peixe), o Senhor Manoel Fernandes Dantas. E tornou-se cidade em 1961.

O movimento de emancipação política teve a frente o deputado estadual; Acácio Braga Rolim e o prefeito já citado. Aos 12 de Dezembro de 1961, através da Lei. 2.616. logo o nosso município foi intitulado a categoria de cidade, sendo instalado oficialmente dia 29 do mesmo mês e ano. Passando o gentílico a chamar-se Santa-helenenses. (Vitoriano, s/d,p. 02).

Cinquenta e dois anos se passaram, e se hoje perguntarmos a qualquer morador, mesmo que jovem, sem distinção de gênero, sobre a origem histórica de Santa Helena, certamente surgirá um semblante empolgante, reticências lacunares e as palavras: “Lampião

passou aqui em 1927 e matou o delegado Raimundo Luiz”. O que nos aponta uma “dormência” de todos os outros eventos que antecederam o ano de 1927 e a morte do delegado Raimundo Luiz.

Por que apenas a figura de Raimundo Luiz e a passagem de um cangaceiro, Lampião, abrolham de forma expressiva na memória e nas falas dos santelenenses? Depois de analisarmos a construção discursiva da passagem de Lampião e seu bando em Santa Helena no ano de 1927 e sua relação com a história da cidade, evocaremos essas indagações e somaremos à nossa análise.

Torna-se importante para este estudo analisar o curta-metragem: *Santa Helena em os Phantasmas da Botija*(2004) ; e os folhetos de cordel: *Santa Helena e o sangue de meu pai e Lampião e minha mãe violentada*, do cordelista Raimundo Santa Helena; e *Lampião em Santa Helena* (2004), de Valentim Quaresma. Ambos são poetas, “filhos” de Santa Helena.

## **2.1 O curta-metragem: *Santa Helena em os Phantasmas da Botija*.**

*Santa Helena e Os Phantasmas da Botija* é um curta-metragem, de 18 minutos, gravado por uma equipe do Rio de Janeiro, no ano de 2004. O pequeno documentário foi patrocinado pela Petrobrás. Ele divide-se em dois momentos. O primeiro gravado na cidade de Santa Helena, em 2004, apresenta moradores relatando sobre a passagem de Lampião no ano de 1927, o assassinato do delegado Raimundo Luiz do Nascimento e a relação destes fatos com as botijas e a busca por ouro.

Num segundo momento o pequeno filme direciona-se à vida poética de Raimundo Santa Helena (natural de Santa Helena e atualmente residente no Rio de Janeiro). Apresenta seus principais versos e sua relação pessoal com a história de Santa Helena. Porém, apenas o primeiro momento, a primeira parte do documentário nos interessará neste tópico porque é justamente nela que a cidade de Santa Helena, a passagem de Lampião e a morte do delegado Raimundo Luiz passam a ser o foco do enredo.

De acordo com os diretores do curta, Petrônio Loren e Tiago Scorza, residentes no Rio de Janeiro:

O projeto surgiu a partir de pesquisa feita com cordelistas, emboladores e repentistas que freqüentavam a Feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. A idéia inicial era fazer um filme sobre poesia de cordel no Rio de Janeiro com diversos personagens representativos desse tema. No entanto, após contato com o cordelista Raimundo Santa Helena, o filme tomou outro rumo e

resolveu-se falar sobre a literatura de cordel através da história de apenas um cordelista. Partiu-se, então, para um documentário focado na vida de Raimundo Santa Helena, abordando tanto a sua obra poética como a sua história de vida. Dessa maneira, o filme extrapolou os limites do estado do Rio de Janeiro (onde reside o poeta) e chegou no sertão da Paraíba, na cidade de Santa Helena, terra natal de Raimundo Santa Helena. (Disponível em: <http://www.curtadoc.tv/> Acesso em: 23/02/2013)

Apesar da primeira parte do documentário voltar-se para as versões das histórias de Lampião em Santa Helena, o curta a todo momento traz as falas do poeta Raimundo Santa Helena. As narrativas dele, suas impressões e histórias tornam-se, em meio a tantas outras, o discurso base para o desenrolar do curta. Este aspecto já nos revela a peculiar relação que tem o autor, filho do delegado Raimundo Luiz, assassinado por Lampião, com a história da cidade.

O enredo do curta acontece em torno do assassinato de Raimundo Luiz por Lampião e seu bando e as histórias sobre botijas. O imaginário, as crendices e as superstições ganham espaço nos discursos dos moradores, e os relatos de “phantasmas”, assombrações, botija, a morte do delegado Raimundo Luiz e as estripulias de Lampião e seu bando constroem uma história da cidade. Em meio às versões sobre sua vida e morte, o delegado Raimundo Luis teve seu posto de herói na história do município de Santa Helena.

De acordo com os depoimentos apresentados pelo curta-metragem, em bando de nove homens, não havendo relatos de onde vinham, Lampião e seus “cabras” invadiram e saquearam “Canto de Feijão”. Entre suas estripulias, “desceram tiro nas portas”, exigiram almoço na casa de um dos moradores do povoado, mataram três lavradores, entre eles o delegado Raimundo Luiz do Nascimento, que em meio às versões sobre seu assassinato, teve seu posto de herói configurado pelos vários discursos e falas sobre a história do município de Santa Helena.

Seguindo o relato de Raimundo Santa Helena, o documentário afirma que a passagem de Lampião e seu bando ao povoado aconteceu em 09 de Junho de 1927 e o motivo da invasão e do assassinato do delegado seria a busca de Lampião e seu bando pelo ouro que por lá existia. Nos depoimentos dos moradores ao curta, eles afirmaram que o delegado era “rico, valente e tinha muito ouro” escondido em botijas. Essas falas dão ao delegado um lugar de prestígio e de destaque na história da cidade; ele não era “qualquer morador”, era homem rico e valente e tinha as *botijas*.

Em 1997, em depoimento ao Jornal “O DIA”<sup>1</sup>, do Rio de Janeiro, Raimundo Santa Helena reafirma que “Lampião invadiu o povoado em 09 de junho de 1927 atrás do dinheiro que (...) Raimundo Luiz, guardava para ampliação de um açude”. (O DIA, 1997)

A datação do evento de Lampião em Santa Helena apresentada pelo poeta nos remete ao episódio de Lampião em Mossoró (Rio Grande do Norte), cidade que abriga a história monumentalizada de uma das maiores “derrotas” de Lampião e seu bando. Essa derrota é ainda hoje reverenciada e comemorada na cidade pelo poder público e pelos discursos e memórias dos mossoroenses.

De acordo com o texto de Francisco Paulo da Silva e Edgley Freire Tavares, “A inscrição da memória no espaço urbano: efeitos de sentido na contação da invasão de Lampião a Mossoró feita monumento”, organizado na obra “Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares” (2009), que tem como organizadores Nilton Milanez e Janaína de Jesus Santos, foi construído “em junho de 2008 o Memorial da Resistência, obra arquitetônica que reproduz na sua iconicidade a história dos resistentes aos cangaceiros de Lampião”. (SILVA e TAVARES, 2009, p. 23)

Na concepção dos mesmos autores,

Em 13 de junho de 1927, Mossoró pôs Lampião para correr. De acordo com a historiografia oficial, Lampião teria enviado um bilhete ao então prefeito de Mossoró, Rodolfo Fernandes, pedindo uma quantia de 400 contos de réis para poupar a cidade de sua invasão. Recusando-se a atender à exigência de Lampião, o prefeito organizou as trincheiras para recepcionar o bando do cangaceiro. O resultado da resistência foi que Mossoró conseguiu esfacelar o bando, matando um dos mais importantes membros do grupo de Lampião, o cangaceiro Jararaca, o que fez o bando de Lampião recuar e fugir. Conta-se que a ação de Mossoró sobre o bando contribuiu para um período de recuo das ações de Lampião nas cidades. O resultado do ataque à Mossoró foi responsável por uma sequência de derrotas de Lampião. (SILVA e TAVARES, 2009, p. 23).

Apenas 04 dias separam o assassinato do delegado Raimundo Luiz, vitimado por Lampião, da derrota dos cangaceiros em Mossoró. Esse fato nos leva a uma constante

---

<sup>1</sup> Recorte de jornal, cedido pela profª Ms. Rosilene Alves de Melo (UFCG). Sem a valiosa contribuição da mesma esta pesquisa teria seguido outro caminho. Vale salientar que não há precisão nas referências dos recortes de jornais, uma vez que as informações são recortadas e coladas. Os recortes estão disponíveis no site: <http://www.cnfcp.gov.br/>, acesso em: 27/03/2013.

inquietação. A data dos eventos teriam alguma coincidência? Haveria alguma ligação entre os eventos?

Na construção da história da passagem de Lampião em Santa Helena, o delegado é inscrito pelas articulações dos “fabricantes” dessa trama como uma “representação do município de Mossoró”. Isto é, como aquele que resistiu frente à invasão do temido bandido, o que lutou, que defendeu o povo, muito embora o fim dessa “resistência” tenha significado para o então delegado sua morte – o que o diferencia do caso Mossoró, uma vez que os mossoroenses saíram vitoriosos do confronto com os cangaceiros.

Analisando as imagens do documentário de 18 minutos, uma série de fatores vão construindo aos poucos uma imagem histórica para a cidade de Santa Helena. Na ânsia por um cenário próximo ao característico do cangaço e do sertão seco de 1927, houve a necessidade dos diretores mostrarem as casas simples, a vegetação da caatinga, a feirinha do domingo que movimentava (e movimenta) a cidade com suas panelas de barro expostas e à venda e a linha do trem com seu fundo musical característico.

Na filmagem nota-se a imagem deslocada de Padre Cícero do Juazeiro, o senhorzinho sofrido e cansado numa bicicleta já velha, compondo o trânsito pacato de motos, bicicletas, pedestres, carroças e no máximo um carro velho e antigo, um jumento, os chiqueiros que cercam as árvores, e um tatu correndo em meio à vegetação seca. É a típica imagem nordestina “do povo e solo sofrido”. “É uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste”. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 23).

Tal análise nos lembra a reflexão do historiador Dr. Durval Muniz de Albuquerque Jr acerca dos estereótipos da região Nordeste e dos nordestinos criados pelos discursos literários, musicais, do teatro, da pintura, de produções acadêmicas; dos discursos e “escritas” do cinema e da mídia em geral. “O Nordeste, assim como o Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido.” (ALBURQUERQUE JR, 2006, p.307)

A construção da paisagem segue-se com imagens de roças, vacas, cancelas, mãe puxando os filhos de pés descalços pelo braço na terra batida, senhoras conversando na calçada, enfim, uma série de imagens selecionadas, que vão configurando o cenário para que legitimamente o curta-metragem remeta o telespectador ao Nordeste atrasado, estagnado no tempo, ainda congelado no ano de 1927.

Criado o espaço e o seu tempo pela película, os moradores mais velhos da cidade são então interrogados. O primeiro a contribuir com suas lembranças aparece no documentário com uma cartucheira na mão, e a pergunta: “E foi que época que vocês encontraram?”. É o

suficiente para o senhorzinho de aparência humilde e cansada esclarecer que o artefato foi deixado “quando eles andaram aqui” em 1927. O pronome “eles” deixa uma lacuna. A princípio não ouvimos dos entrevistados a afirmação que foi Lampião que aqui passou, ficando, porém dito subjetivamente, no silêncio, na expressão, na intenção.

Seguindo nas narrativas, o verbo “matou” pronunciado pelo senhorzinho indica o assassinato de “um senhor na Lagoa Grande” (atualmente sítio pertencente à Santa Helena), outro na Cacimba do Gado (sítio também pertencente à Santa Helena) e outro em Santa Helena (que na época chamava-se Canto de Feijão). Juntamente com sua esposa, o depoente conta que “eles” tinham muita raiva quando passavam aqui e encontravam as portas fechadas, então “baixava o tiro nas portas”. No curta é mostrada uma porta com supostamente resquícios das balas de fuzil “deles”.

Dois senhores de aproximadamente setenta e cinco anos, moradores da cidade, cujos nomes não são apresentados, sentados a porta de suas residências no campo, dialogam sobre “como era aqui” naquela época, e narram que havia muito ouro, “nesse tempo a riqueza era de ouro” todas as mulheres tinham brincos grandes de ouro e prata, justificando o que havia atraído o bando de cangaceiros.

Curiosamente somente após 3 minutos de gravação aparece o nome de Lampião, consagrando a história da cidade. Continua o depoente, sentado numa cadeira de assento de couro, a dizer: “Lampião fez puleiro aqui, que aqui tinha ouro pra ele roubar e comida pra ele comer”, revelando que o ano era de boa safra.

A senhora de cabelo branco, vestido simples e um terço no pescoço, moradora de Santa Helena, sorri ao falar daquela época de 1927, em que “Lampião passou aqui”, afirmando que não lembra nada porque era muito criança. Diz que o que sabe é porque os pais contaram, mas a certeza com que surge seu discurso confundindo os tempos verbais das palavras apresenta, aquela senhora como se ela tivesse presenciado conscientemente cada detalhe do fato. Em depoimento ao curta ela afirma: “Mamãe contava que pegavam a gente e corriam pro mato, ficavam dois, três dias no mato, lá escondidos, com medo dele, e o tiroteio rodando por aqui”.

A depoente conta que “eles” pediram ao pai dela pra fazer almoço: “Papai morava no sítio Canto de Feijão... a gente morava era lá”. É interessante esta fala, porque a depoente entra em uma época e um espaço passado que a ela pertenceu, fazendo um corte memorialístico através das lembranças e do discurso com a época em que vive hoje. Ela encerra sua contribuição afirmando que “lá pediram pra minha mãe fazer almoço... eles eram nove homens”; fala que revela um Lampião pacífico, que “pede um almoço”, uma fala que

apaga do curta, ao menos por instantes, o bandido sanguinário apresentado no discurso de Raimundo Santa Helena.

O curta-metragem gravado em 2004 também faz menção das “feitorias beneficentes” do delegado Raimundo Luiz, assim como na brochura existente na biblioteca Municipal; um discurso que se repete, talvez porque ambas as fontes balizaram-se na fala do poeta Raimundo Santa Helena, que reforça o fato de seu pai ser um líder fundador do povoado.

O renomado poeta Raimundo Santa Helena, em depoimento ao documentário, afirma que seu pai, Raimundo Luiz, agricultor, e mestre-de-linha da Rede Viação Cearense – RVC foi o responsável pelo “progresso da cidade”. E assim como o texto em brochura, o documentário por meio da fala do poeta enfatiza a criação da caixa d’água e do cacimbão de ferro, e a importância destes elementos para o desenvolvimento da cidade, pois o trem ia de Baixo, estado do Ceará, até o Poço de Adão (em São João do Rio do Peixe – PB), sem parar, por que não havia água no trajeto. Criado o cacimbão de ferro e a caixa d’água, o trem começou a parar em Santa Helena. Na concepção do poeta estes fatos dão ao seu pai o título de fundador.

Na perspectiva dos depoentes do curta-metragem, Raimundo Luiz era homem rico, tinha muito ouro e dinheiro enterrado. “Esta prática de enterrar dinheiro foi comum num período em que não existiam bancos ou mesmo quando eles emergiram no século XIX e eram vistos com desconfiança” (CIPRIANO, 2010, p. 4). As pessoas por medo de perderem suas “economias” por meio de saques e roubos e receosas em depositá-las em bancos, por ser um “elemento novo”, acabavam depositando-as dentro de panelas de barro e enterrando-as em certos lugares, geralmente cuidando sempre de referenciá-los com árvores, pedras, etc..

Estes recipientes enterrados com ouro e dinheiro foram chamadas de *botijas*, elemento típico da cultura nordestina, que é configurado pela imaginação e superstições dos moradores.

A doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco, Maria do Socorro Cipriano, escreve em um de seus artigos pautados na sua tese de doutorado “Histórias de botijas e os labirintos do universo assombroso na Paraíba”. (2010), que

Enquanto prática cultural, a definição de botija sofre um alargamento simbólico e ganha um sentido mais amplo, passando a ser designada como tesouro enterrado, inclusive em outros recipientes, como por exemplo, caixas de madeira, panelas de barro e outros utensílios domésticos, a exemplo das chaleiras e bules para café (CIPRIANO, 2010, p. 4).

Baseada no folclorista Câmara Cascudo (1998), Cipriano explica que segundo a crença das botijas, uma alma penada aparecia a um “escolhido”, (pessoa que não fosse avarenta, de forte fé e corajosa), para dar-lhe a botija, o tesouro que tinha sido enterrado em vida. A alma só ficaria em paz, se o “escolhido” conseguisse desenterrar a botija, o que se tornava difícil, pois forças malignas se empenhavam em impedir o desencantamento, para que a alma penada continuasse a vagar pelo plano terreno.

Na perspectiva da autora,

A botija torna-se desejo de sonhadores dos mais comuns mortais, que almejam mudança de vida, como é o caso dos trabalhadores e também de literatos, pesquisadores, memorialistas, poetas, de homens e mulheres que, por motivos outros, são igualmente seduzidos por seus encantos. Os relatos dão conta de quão viva é essa crença: sonhadores e caçadores de botijas se lançam nesse território da crença, inventam trilhas e fabricam uma geografia onírica. (CIPRIANO, 2010, p. 4).

O documentário submerso nesse ambiente de crenças e superstições em torno das botijas, entre o espaço dos vivos e dos mortos, apresenta de forma sucinta e corriqueira uma outra versão acerca do assassinato do delegado Raimundo Luiz. A versão é relatada pela jovem senhora sentada no “terreiro” em uma cadeira de “balaio”, ao lado de seu pai de cabelo branco, velho e cansado, que interrompe a fala da filha para dizer: “Ele era muito interessante”, se referindo a Raimundo Luiz. A jovem senhora narra que não foi propriamente Lampião que matou o delegado Raimundo Luiz, mas “um cara enreixado com o delegado”, que se infiltrou no bando do “rei do cangaço”. Não se sabe ao certo a origem desse assassino, o único dado relatado pela jovem depoente é que possivelmente ele seria da cidade vizinha do Ceará, Baixio.

Ainda segundo a senhora, toda a “encrenca” entre o delegado e esse suposto assassino começou quando esse “cara” estava “bagunçando” o povoado, e Raimundo Luiz no papel de delegado “valente”, prendeu o então “bagunceiro”. A depoente conta que a partir da prisão, a inimizade foi construída. Ela explica que de alguma forma o “bagunceiro” que estava preso no povoado conseguiu fugir, prometendo que voltaria a Canto de Feijão para vingar-se de Raimundo Luiz.

Na narrativa que a jovem senhora relata, este foragido teria entrado no bando de Lampião e vindo ao povoado vingar-se, assassinando o delegado e cumprido sua promessa. É

importante pontuar que no curta esta versão não é explorada, apenas citada. Isto porque a discussão da passagem de Lampião e como o cangaceiro assassinou o delegado Raimundo Luiz são essenciais para o enredo.

Se o homicídio do delegado foi cometido por Lampião, ou por um inimigo foragido, não é o foco da nossa discussão. São versões construídas pela oralidade dos depoentes no documentário. O fato é que o assassinato do delegado Raimundo Luiz tornou-se um dos episódios mais marcantes na construção da história de Santa Helena.

As falas sobre a invasão de Lampião à Santa Helena e o assassinato do delegado Raimundo Luiz, encerram a primeira parte do documentário com a apresentação da capa de cordel de Raimundo Santa Helena, poeta, filho do delegado.

Na capa da poesia de cordel *Lampião e o sangue de meu pai* (1980), há uma imagem antiga da capela de Santa Helena e, com a grafia do próprio Raimundo Santa Helena, lê-se: “Município de Santa Helena, estado da Paraíba, fundado pelo agricultor, meu pai. Aqui Lampião covardemente matou meu pai em 09 de junho de 1927”.



Capa do cordel: “Lampião e o sangue de meu pai”, Raimundo Santa Helena (1980).  
Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em: 27/03/2013

Na medida em que surge a imagem da capa do cordel com estas informações, ouve-se a afirmação de Raimundo Santa Helena:

O traidor do meu pai, que eu estive lá e já soube, levou Lampião lá pra matar meu pai, papai tinha muito ouro, deve ter uma botija lá, com certeza ele escondeu, papai não era bobo, era inteligente, ele sabia que Lampião ia matá-lo, ia atacar a cidade. (Santa Helena em os phantasmas da botija, Petrônio Loren e Tiago Scorza, 2004).

O curta-metragem segue apresentando os depoimentos dos moradores que já “tiveram alguma experiência com botijas”. A primeira parte do enredo se encerra em um ambiente imagético com possíveis aparições, fantasmas e encantamentos criados pelas falas dos moradores de Santa Helena.

Com base nos diálogos desse capítulo podemos desenvolver algumas reflexões importantes para adentrarmos ao próximo tópico. Antes se faz necessário anunciar o valor que teve este curta-metragem para os moradores de Santa Helena.

É gratificante citar que muitos moradores da cidade interagiram efetivamente na produção do curta. Mesmo os que não contribuíram depondo, acompanharam as produções informando aos produtores sobre possíveis depoentes e eventos, participaram na produção dos efeitos especiais e como figurantes, deram suporte infra-estruturais à equipe produtora; enfim, foram de certa forma “personagens indiretos”, o que também os torna elementos construtores da criação de uma história da cidade.

Se por um lado nossa reflexão parte da análise de documentos com limitações e lacunas, numa perspectiva sócio-cultural, podemos perceber os discursos do curta-metragem sobre os cangaceiros em Santa Helena, os assassinatos no povoado e as histórias sobre botijas como sacralizadores da história da cidade.

A história de Santa Helena passa a ser, portanto, a história da invasão de Lampião no povoado “Canto de Feijão” no ano de 1927, e o assassinato do delegado Raimundo Luiz. Apenas um ano (1927) e os eventos (a passagem de Lampião e a morte do delegado) que nele aconteceu foram selecionados e configurados na memória da cidade, pelos olhos e falas dos “construtores”, ou dos “fabricantes” da história de Santa Helena.

O que se pretende dizer com esta reflexão é que os anos que antecedem 1927 ficaram omissos na falas, nos cordéis, e principalmente no enredo do curta-metragem, ou seja, os limitados dados sobre a origem de Santa Helena ligada desde 1961 à de São João do Rio do Peixe, que são apresentados na brochura de Sara Vitoriano não aparecem no curta. O

documentário elege o discurso da passagem de Lampião e o assassinato do Delegado Raimundo Luiz, tornando-o como a história “oficial” de Santa Helena.

A partir da análise do título do documentário: *Santa Helena em Os Phantasmas da Botija*, surge uma leitura interessante que nos inquieta. Quem seriam *Os Phantasmas* da botija? Os *phantasmas* da botija ainda estão presentes nos relatos da população de Santa Helena, se o entendermos relacionado aos cangaceiros que ora ou outra teriam passado pelo então Canto de Feijão.

O fato de não haver registro na historiografia “oficial” sobre a passagem de Lampião no ano de 1927 em Santa Helena, é uma (re) leitura teórica acerca do termo *phantasmas*, que aparece no título do documentário. Lampião e seu bando seriam fantasmas que “rondam” os relatos, os cordéis, os textos, o curta, enfim, os discursos acerca da história de Santa Helena.

Vivos na memória social, sustentados pelas superstições e pelo imagético, ainda que não exista uma história “oficial”, estes “fantasmas” permanecem e fundamentam a história da cidade, isto é, passado quase um século a “presença” de Lampião e seu bando ainda é intensa em Santa Helena. Como fantasmas sociais os cangaceiros estão em todas as histórias contadas sobre o passado da cidade. Velhos, jovens, homens e mulheres não precisam ser historiadores ou cineastas. Qualquer morador de Santa Helena está inquietado pelos “fantasmas” dos cangaceiros e, assim, circula-se o mesmo discurso: “Lampião passou por aqui”.

Vale salientar que não interessa a esta pesquisa saber se realmente Lampião passou por Santa Helena. A nossa perspectiva principia que tal evento existe nos discursos locais e é intenso. São discursos construídos e reconstruídos pela oralidade e pela literatura de cordel.

Entendemos que a narrativa que o curta constrói selecionando os ângulos, as imagens do que vemos, “fabricando” o cenário, entrecortando as falas, ligando estes elementos à história de vida do poeta Raimundo Santa Helena, é resumidamente esta: Lampião e seu bando invadem Santa Helena (“Canto do Feijão”) em 1927 em busca da riqueza, ou seja, do ouro do Delegado Raimundo Luiz. Em meio as suas estripulias, “obriga” um dos moradores a dar-lhes almoço, com raiva dos que fugiram “baixa tiro nas portas que estão fechadas”, deixando a marca de seu potente e aterrorizante fuzil. Lampião e seu bando seguem, matam dois homens e com a ajuda de um “traidor” encontram-se com o Delegado Raimundo Luiz. Esta autoridade local, o “homem valente” que combate Lampião e seu bando, acaba covardemente assassinado, tornando-se a terceira vítima de Lampião no “Canto de Feijão” (Santa Helena).

Desta resumida abordagem levanta-se uma outra questão a ser esclarecida: porque Lampião fez três vítimas em Santa Helena e apenas uma, o Delegado Raimundo Luiz, é

rememorado? Por que apenas o delegado foi homenageado dando, hoje, nome à rua e biblioteca da cidade?

Seria por ter sido ele um dos primeiros moradores e “fundador” da cidade? Por ter sido o mestre-de-linha e delegado? Por sua valentia, riqueza e feitorias? Ou por ser filho do renomado poeta Raimundo Santa Helena? No terceiro capítulo deste trabalho nos debruçaremos nesta inquietação.

## **2.2 - Os folhetos de cordel: *Lampião em Santa Helena, Lampião e o Sangue de Meu Pai, e Lampião e Minha Mãe Violentada.***

As poesias de Cordel, aqui trabalhadas, são dos seguintes autores: Valentim Martins Quaresma (2004), natural de Santa Helena, poeta e professor licenciado em Letras pela UFCG; e Raimundo Santa Helena (1980) também natural de Santa Helena, e que reside atualmente no Rio de Janeiro, renomado poeta e filho do delegado Raimundo Luíz. Apesar dos cordéis terem autores, anos e abordagens diferentes, o evento narrado é o mesmo: a passagem de um Lampião bandoleiro em Santa Helena no fatídico ano de 1927.

O cordel “Lampião em Santa Helena” de Valentim Quaresma, produzido em 2004, começa relatando sobre a origem de Santa Helena. O ano do folheto de cordel, não coincidentemente, é a mesma data da produção do documentário; e apesar de algumas divergências entre eles, de uma forma ou de outra são discursos que se complementam e se reforçam.

Na versão do cordel de Quaresma (2004), Lampião chegou ao povoado pela manhã bem cedo, “acordando os moradores”, e trazendo medo e pavor. Um aspecto interessante ressalta que esse folheto de cordel, em meio às rimas, apresenta várias “estripulias” do cangaceiro e seu bando, que não aparecem nem no curta, nem na brochura sem data que se encontra na Biblioteca Municipal.

Na perspectiva do folheto de cordel, o ano era 1927 quando Lampião assaltou o lugar, entrou nas casas, humilhou os moradores, atirou na igreja e na caixa d’água, depredou a estação, tocou fogo em um armazém de algodão e no mercado. Ele apresenta ainda que Lampião,

Demonstrando seu instinto  
De terror e crueldade,

Matou Raimundo Luíz  
 Sem dó e nem piedade.  
 Vitimou um lavrador,  
 Um pobre agricultor  
 E fechou toda a cidade.  
 (Quaresma, 2004, p.04)

A morte do delegado Raimundo Luíz também, representado como um humilde agricultor, aparece em outro verso do mesmo folheto:

Quem não correu levou bala,  
 Quem ficou foi humilhado,  
 Morreu um trabaiador  
 E mataro o delegado  
 Veja se você escapa  
 Que eu to caíndo na lapa,  
 Vou aqui todo melado.  
 (Quaresma, 2004, p - 06)

No entanto, neste cordel, o assassinato do delegado é apenas relatado rapidamente, pois o foco é outro. É perceptível outro elemento que torna-se importante pontuar: o autor convoca um novo personagem à narrativa. Um “anônimo” às outras fontes surge neste discurso como um dos protagonistas do enredo.

O avô de Antônio Piquí  
 Estava na diversão  
 E passou a noite inteira  
 Dançando xote e baião  
 Quando foi dar um cochilo  
 Acordou-se pelos tiros  
 Do bando de Lampião.  
 (Quaresma, 2004, p. 05)

Acreditamos que o avô de Antônio Piquí representa, nesta reflexão, os moradores da localidade “Canto de Feijão” e é mostrado como um covarde, “frouxo” e medroso, que fica perplexo diante da “valentia” e crueldade dos “bandidos”. Como mostra os seguintes versos:

Zé Piquí ouvindo aquilo  
 Ficou foi alto do chão  
 Foi fazendo o retorno,  
 Voando feito avião...  
 Mas, na esquina do mercado  
 Aquele pobre coitado  
 Barrou em Lampião.

Bateu e caiu pra trás,  
 Já foi querendo chorar,  
 Fazendo grande alarido

E começou a gritar:  
 - “Não me mate Lampião!  
 Tenha pena Capitão!  
 Tenho filhos pra criá”  
 (...)  
 Virgulino aberturou-lhe  
 E o pobre tremendo o queixo.  
 - “O sinhô fuma sujeito”?  
 - Fumo não, é um deslêxo  
 Apenas tomo café  
 Mais se o sinhô quisé  
 Ainda hoje mesmo eu dêxo”

“-Meu revóve num atira  
 Em cabra dessa frochura  
 Você num vale uma bala,  
 É mole de dá gastura.  
 Eu vô mandá Pé de Vento  
 Lhe dá um insinamento  
 E levá pra sepultura”

“Pé de Vento, venha aqui!  
 Ageite esse cara lisa,  
 Tire desse sujeito:  
 Calça, sapato e camisa,  
 Sorte o homi pra corrê  
 Se você podé detê  
 Pode matá duma pisá!”.

Zé estava meio mole  
 Mas quando livre se viu,  
 Deu uma rasgada no chão,  
 Fez finca-pé e partiu  
 Entrou no mato fechado  
 Só ouviu-se o estalado  
 Chega a poeira subiu...  
 (QUARESMA, 2004, pp. 06, 07,08)

A partir de uma leitura crítica, podemos entender que na concepção deste cordel Lampião e seus cangaceiros são bandidos violentos, valentes, aterrorizantes e, em contrapartida, os moradores do povoado são “moles” e “frouxos”, covardes que fugiram diante da presença de Lampião. Apesar deste cordel pouco enfatizar o assassinato do delegado Raimundo Luiz, ele surge assim como nas outras fontes como o único morador que enfrentou Lampião. O discurso acaba se repetindo, e o heroísmo, mais uma vez, é dado à figura de Raimundo Luiz.

O folheto de cordel intitulado “Lampião em Santa Helena”, de Valentim Martins Quaresma, termina afirmando que Lampião deixou seu nome na memória desta cidade. O que nos remete a reflexão de que por meio da “invasão de Lampião”, ou dessas “estripulias” do

cangaceiro e seu bando, o delegado e seu assassinato, ganharam visibilidade, ou seja, passou a viver na memória social desta cidade.

O rei do cangaço foi  
Com seu patuá de glórias  
O povo ainda lembra  
Porque sabe e tem memória.  
Mesmo estando errado  
Deixou seu nome gravado  
Nos anais de nossa história.  
(QUARESMA, 2004, p. 08)

“Lampião e o sangue de meu pai” (1980) é um cordel construído pelo poeta Raimundo Santa Helena. Através desta representação literária, o poeta descreve como se deu o assassinato de seu pai, Raimundo Luiz do Nascimento, o delegado de “Canto de Feijão” assassinado por Lampião e seu bando no ano de 1927 no antigo povoado, hoje Santa Helena.

De acordo com o cordelista, o assassinato de seu pai foi fruto de uma querela entre Raimundo Luiz e Lampião. O delegado Raimundo Luiz seria amigo do prefeito de Antenor Navarro, hoje São João do Rio do Peixe, Padre Sá, que em 1933 foi vigário na primeira igreja de Santa Helena. Em 1927 o Padre Sá teria recusado alimentar a Lampião e seu bando, o que fez com que o cangaceiro enfurecido jurasse de voltar à cidade de São João do Rio do Peixe para vingar-se do padre. Este recorreu à ajuda de seu amigo Raimundo Luiz, na época delegado “valente” de “Canto de Feijão”. Como mostra os seguintes versos:

Lampião que se escondia  
Na serra do Catolé,  
Manda dizer ao prefeito:  
“Amanhã, padre sovina,  
Vou mijar na sua batina  
E queimar toda a cidade  
Vocês não deram comida  
Mas vamos tomar no peito”...

O padre Sá, cauteloso,  
Tinha Deus no coração  
Mas pôe a arma na mão  
Manda chamar o delegado,  
Mestre Raimundo Luiz,  
Como era conhecido,  
Pois chefiava os cassacos  
Por todos era querido...  
(SANTA HELENA, 1980, s/p)

De acordo com a poesia de cordel, o delegado atende ao chamado do prefeito Padre Sá e rapidamente formam uma armadilha para Lampião. Chefiada pelo delegado Raimundo Luiz,

a emboscada teve sucesso fazendo com que Lampião e seus cabras recusassem e abandonassem a empreitada.

Os versos de cordel acima nos reporta à análise da importância que o padre Sá tinha para a região. Este personagem que surge na brochura de Sara Vitoriano e ressurge no cordel de Raimundo Santa Helena, ora como líder religioso, ora como chefe político, possuía lugar de prestígio e poder no povoado. Como já relatamos “Canto de Feijão” (Santa Helena) na época pertencia a São João do Rio do Peixe, cidade que tinha como “prefeito” o então Padre Sá.

Esta relação direta do povoado com a cidade de São João do Rio do Peixe explica a afinidade do Padre Sá com o delegado Raimundo Luiz, assim como também explica o fato do vigário ser prestigiado no povoado, principalmente pela sua imagem religiosa. De acordo com a brochura “Santa Helena do passado ao presente” (2009), A vila passou-se a chamar Santa Helena em homenagem a mãe do Padre Sá, consagrando-o como um personagem histórico da cidade presente no imaginário popular e reforçado e reelaborado pelo cordel.

Ao longo dos versos o poeta Raimundo Santa Helena constrói e reverencia a figura de seu pai, dando a ele significações heróicas. O delegado Raimundo Luiz é mostrado no cordel como o guerreiro, audacioso, inteligente, amigo, forte e “protegido por divindades”. Tal reflexão possibilita-se pela análise dos versos em que o poeta relata a ameaça que Lampião (com raiva do combate fracassado), fez a seu pai, Raimundo Luiz. Versos que também mostram, na perspectiva do poeta, a crueldade de Lampião.

Durou pouco o tiroteio  
Lampião, experiente,  
Percebeu a armadilha,  
E recuou de repente,  
Porém, deixando um recado:  
“sei que foi o delegado  
Lá de “Canto de Feijão”  
Vou matá-lo no seu chão

“Vou pegar aquele nego,  
Botar o macaco nu,  
Banhar na lama de um rego  
Pregar num mandacaru,  
Arrancar unha por unha,  
Furar olho por olho,  
E cortar de uma vez,  
Toda a sua vergonhez...”

“E ele não vai fugir,  
Por que é homem teimoso,

Tem fama de valentão,  
 Feiticeiro, e é teimoso.  
 É também o fundador,  
 Lá de “Canto de Feijão”,  
 Mas é um homem de cor  
 Casado com branca azeda...”

“E preto quando não faz,  
 Na chegada, é porque,  
 Vai fazer mais na saída,  
 E mesmo o seu cartaz  
 De guerreiro invencível,  
 É por causa da medalha  
 Dessa santa Aparecida  
 Padroeira do Brasil...”  
 (SANTA HELENA, 1980, s/p)

O poeta Raimundo Santa Helena cria para seu pai a imagem de um homem “protegido” por uma divindade e que o “rei do cangaço”, Lampião, só enfrentaria se ele estivesse desamparado. De acordo com o cordel, Lampião descobriu o dia em que o delegado Raimundo Luiz tirava a medalha para ser benta e planejou o ataque para aquele dia.

Mas nisso vou dá um jeito,  
 Sei que uma vez no ano  
 A medalha sai do peito  
 Pro seu vigário benzer  
 No mês de junho (parece)  
 Quanto ao dia, vou saber,  
 É nove, se não me engano  
 “Do satanás, levo prece...”  
 (SANTA HELENA, 1980, s/p)

A intenção do verso acima é assegurar que o delegado Raimundo Luiz, pai do poeta, “amedrontava” até mesmo o “rei do cangaço”, que necessitou estudar o dia certo para atacá-lo.

Mas vejam o que aconteceu:  
 Ano mil e novecentos  
 E vinte sete janeiros-  
 No dia nove de junho  
 Um rifle novo em punho,  
 Delegado toca o sino,  
 Esperando Virgolino  
 Sessenta e seis cangaceiros!

Os cabras de Lampião,  
 Chegaram em Santa Helena,  
 O ex- Canto de Feijão,

Papai (com mamãe gestante)  
 Foi cercado num instante,  
 Mocinha caiu na tara...  
 Jogaram minha mamãe no chão,  
 E cuspiram em sua cara...

Pai, sozinho, foi dizendo:  
 “Deus do céu que estás me vendo,  
 jamais atirei primeiro!  
 Vou lutar até vencer,  
 Lampião que mata e esfolo!  
 Eu só salvo e dou esmola,  
 Deus, olhai vosso guerreiro!”  
 Deus deixou papai morrer...  
 (SANTA HELENA, 1980, s/p)

Os versos acima encerram o cordel “Lampião e o sangue de meu pai” (1980), revelando mais uma vez a intenção de se construir um delegado Raimundo Luiz herói; ou nas próprias palavras do poeta, Raimundo Santa Helena: um “guerreiro”. O poeta cria para seu pai a imagem de um homem bondoso, que salva e dá esmola às pessoas, uma verdadeira figura divina lutando contra Lampião, homem cruel, sanguinário, diabólico. Há, portanto, uma dualidade extrema comum aos cordéis sobre os personagens: o bem e o mal, o herói e o bandido, o mocinho e o vilão.

A imagem do delegado Raimundo Luiz, presente nestes parcos cordéis, produz-se como a do herói invencível, o guerreiro prudente que “não atirava primeiro”, morto em seu povoado, defendendo seu povo, em uma luta contra o “diabólico” Lampião, porque assim “Deus quis”.

O poeta Raimundo Santa Helena também produziu o cordel de N° 415, “Lampião e Minha Mãe Violentada” (data não identificada). Nele o cordelista relata a violência que sua mãe, a senhora Rosa Ferreira do Nascimento, popularmente conhecida como dona Rosa ou dona Rosinha, sofreu no povoado “Canto de Feijão” (Santa Helena) no dia 09 de Junho de 1927.

Nos versos, o poeta afirma que Lampião e 65 cangaceiros, estupraram sua mãe e em seguida assassinaram seu pai, o delegado Raimundo Luiz, matando também um de seus trabalhadores.

No ataque a cambada  
 (sessenta e seis no total)  
 Mataram Elisário  
 Um ajudante leal  
 Minha mãe atrás ferraram  
 Pela frente estupraram

Uma virgem torturaram  
 Com vela acesa (anal).  
 (SANTA HELENA, s/d, p. 20)

De acordo com o discurso que aparece no recorte do jornal “DIÁRIO DA NOTÍCIA”<sup>2</sup>, do Rio de Janeiro, que supostamente foi editado em 29 de Junho de 1975, a mãe do poeta Raimundo Santa Helena, Dona Rosa, estava passando roupa quando Lampião entrou em sua casa em “Canto de Feijão”. A senhora que na época tinha 28 anos de idade enfrentou o cangaceiro e “partiu pra cima dele com o ferro antigo, a carvão, que estava em sua mão” (DIÁRIO DA NOTÍCIA, 1975, Rio de Janeiro).

Com base na entrevista do poeta Santa Helena ao jornal, Dona Rosa não foi morta porque um dos cangaceiros (o Jararaca) interveio ao seu favor. Eles foram embora levando jóias e armas que pertenciam ao delegado Raimundo Luiz, esposo de dona Rosa.

O cordel de autoria de Raimundo Santa Helena “Lampião e minha mãe violentada” relata ainda que sua mãe (Dona Rosa) se suicidou aos 90 anos de idade, jogando-se de um precipício. De acordo com o folheto o fato aconteceu quando a senhora soube que iriam construir em Serra Talhada (Pernambuco) uma estátua em homenagem a Lampião.

Yara Lêdo Maltez  
 Falou me vendo infeliz  
 “sei que sua mãe chorando  
 Se matou (O DIA diz)  
 Com 90 de idade  
 Quando a sociedade  
 Descascou a cicatriz”

(...)

Voando estava quando  
 Sua alma foi pro céu  
 E seu corpo enrugado  
 Mergulhou no mausoléu  
 Pro permanente repouso  
 Ao saber que o esposo  
 Falecido “virou réu”

Estátua como troféu  
 Numa grande palhaçada  
 Vai receber Lampião  
 No chão de Serra Talhada  
 E o meu pai delegado  
 Por Lampião baleado  
 Depois de morto sangrado  
 Trocou a vida por nada.  
 (SANTA HELENA, s/d, pp. 19-20)

<sup>2</sup> Recorte de jornal, encontrado no site: <http://www.cnfcp.gov.br/>, acesso em: 27/03/2013

Nos versos acima apresentados, o poeta Raimundo Santa Helena deixa explicitamente exposto o ódio que carrega do “rei do cangaço”. Ele o culpa, assim como culpa a sociedade, pelo suicídio de sua mãe. O folheto demonstra a sua angústia e insatisfação em ver que o maior inimigo de sua família, Lampião, o “bandido”, assassino do seu pai e estuproador de sua mãe, ganharia um memorial em Serra Talhada.

O cordelista não esconde sua indignação com o fato de Lampião tornar-se uma figura histórica, como mostra o seguinte verso:

E no Rio o punhal  
 Com que Lampião sangrou  
 O meu pai já com dois tiros  
 Ou o que “Lamp” roubou.  
 É vitrine nos museus.  
 Hitler que matou judeus  
 Daqui a pouco meu Deus  
 Vai ser santo em Moscou  
 (SANTA HELENA, s/d, p. 21)

O poeta popular foi manchete em vários jornais no Rio de Janeiro, onde reside atualmente, mobilizando-se e reivindicando contra a construção da estátua de Lampião em Serra Talhada. De acordo com o recorte do jornal “O DIA” (1991), entre apelos e ameaças ao governo de Serra Talhada, o poeta pediu na justiça uma liminar contra a construção do monumento a Lampião.

Em uma de suas reivindicações contra a memória de Lampião, o poeta anuncia, em tom de ameaça, por meio do jornal “O DIA” (Rio de Janeiro, 23/03/1992), que seu irmão mais novo,

Antônio – que é piloto de avião, viúvo e sem filhos – tomou uma decisão: se inaugurarem a tal estátua, investirá contra ela com um avião cheio de explosivo, vingando assim toda a família. O prefeito de Serra Talhada deve pensar duas vezes antes de homenagear o assassino e estuproador, ou muito mais sangue há de correr no sertão (O DIA, 1992, Rio de Janeiro).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> As informações pertencem a um recorte de jornal encontrado no site: <http://www.cnfcp.gov.br/> acesso em 27/03/2013. Por se tratar de um recorte de jornal, as informações são limitadas e imprecisas.

Em seu cordel o poeta também apresenta sua insatisfação diante da “luta” que sua mãe enfrentou, após o assassinato do pai, em busca de uma pensão, ou de algum “reconhecimento”, uma vez que o delegado Raimundo Luiz morreu a serviço do Estado e do povo.

Minha mãe jamais ganhou  
 Nenhum mísero tostão  
 Papai morreu a serviço  
 Enfrentando Lampião  
 Mamãe usou documentos  
 A imprensa argumentos  
 Mais os governos nojentos  
 Nunca lhe deram pensão.  
 (SANTA HELENA, s/d, p. 21)

Os folhetos de cordéis do poeta Raimundo Santa Helena, analisados ao longo deste estudo nos aponta a necessidade de percebermos em que contexto foram produzidos, uma vez que 53 anos após o episódio da passagem de Lampião à Santa Helena o evento “ressurge” representado pelas poesias de Raimundo Santa Helena.

1980 é a data em que o poeta produziu “Lampião e o sangue de meu pai”. A partir deste dado surge uma questão: por que apenas a partir da década de 1980, o poeta Raimundo Santa Helena traz à “luz” a “dramática” e “trágica” história da sua família e a relação da mesma com a invasão de Lampião à Santa Helena ainda no ano de 1927?

O cordel “Lampião e o sangue de meu pai” é produzido quando Raimundo Santa Helena busca por meio da mídia e principalmente por meio de jornais uma pensão ou um “reconhecimento” para sua mãe. O poeta utiliza seus versos de cordel para argumentar que seu pai morreu a serviço do Estado combatendo o mais temido bandido da época, Lampião, e que, portanto, sua mãe merece uma “pensão especial” e um reconhecimento social.

Apesar de não ser possível identificar a data precisa da construção do cordel “Lampião e minha mãe violentada”, o conteúdo do folheto, diante de outras fontes (recortes de Jornais)<sup>4</sup> aponta que a data da produção é posterior a 1991. O cordel é construído após o suicídio da matriarca e conseqüentemente após o plebiscito que surgiu em Serra Talhada, sobre a polêmica construção de uma estátua em homenagem a Lampião. Este verso foi, portanto, construído para ser utilizado no movimento contra o monumento à Lampião e o reforço da história construída anteriormente sobre o heroísmo de seu pai. São suas “monumentalizações” da memória que se enfrentam.

<sup>4</sup> Encontrados no site: <http://www.cnfcp.gov.br>. Acesso em 27/03/2013.

Antes de adentrarmos ao próximo capítulo, convém pontuarmos dois elementos. O primeiro seria as contradições de versões existentes entre o curta-metragem e os versos de cordel, já analisados. Porém, deixemos claro que nossa intenção não é discutir qual versão seria verídica, mas compreender como uma série de percepções e discursos configuram a história da cidade de Santa Helena e de seu povo, como as fontes se divergem e como isto enriquece a pesquisa.

O curta-metragem assegura que Lampião passou por Santa Helena juntamente com nove cangaceiros, enquanto que os cordéis “Lampião e minha mãe violentada” e “Lampião e o sangue de meu pai”, ambos escritos por Raimundo Santa Helena, afirmam que Lampião esteve aqui com um total de 66 cangaceiros.

Em outro momento o curta coloca por meio do depoimento do próprio Raimundo Santa Helena que seu pai só foi morto porque foi “traído”. Alguém teria levado Lampião e seus cangaceiros até seu pai, e o motivo do assassinato seria a busca por ouro e dinheiro, uma vez que o delegado era rico e possuía botijas.

Já no cordel “Lampião e o sangue de meu pai”, Raimundo Santa Helena afirma que seu pai era conhecedor da vinda de Lampião à Santa Helena, chegando a tocar o sino anunciando ao povo do perigo, e esperando pelo cangaceiro com um rifle novo na mão. O motivo deste conflito seria uma antiga “rixa” entre Lampião e o delegado, uma vez que o delegado preparou uma emboscada para Lampião em São João do Rio do Peixe a pedido do seu amigo Padre Sá, que era então prefeito de São João do Rio do Peixe.

São versões e versões, visões selecionadas, articuladas, fabricadas de acordo com a intenção daqueles que a fabricam. “É, pois, impossível analisar o discurso histórico independente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente.” (CERTEAU, 2008, p. 71) É imprescindível entender a intenção do curta-metragem e a intenção dos versos de Raimundo Luiz, ambos construídos em espaços e tempos diferentes, recheados de subjetividades, de conceitos, de suposições, de seleções, de finalidades.

O curta-metragem constrói uma narrativa a partir da ideia da busca do ouro e das botijas, tendo Santa Helena como o cenário, Lampião e o delegado Raimundo Luiz, como protagonistas. Os moradores da cidade tornam-se fontes secundárias, uma vez que a fonte base para a produção do documentário são os discursos de Raimundo Santa Helena, o poeta.

Já nos versos de cordel de autoria de Raimundo Santa Helena, o autor se volta à construção da imagem histórica e heróica de seu pai, o delegado Raimundo Luiz, e de sua mãe Dona Rosa, por meio da experiência deles com Lampião, tendo Santa Helena também como cenário e dando a seus pais espaços de honra na história de Santa Helena.

É interessante analisarmos que mesmo diante de versões contraditórias, a figura de “guerreiro invencível” permanece atrelada ao delegado Raimundo Luiz, uma vez que em uma das versões ele teria sido “traído” e por isso foi assassinado, enquanto que a outra foi porque “Deus deixou”. A verossimilhança dos fatos comprova a invencibilidade do delegado?

A invencibilidade dada ao delegado Raimundo Luiz é fruto do discurso criado, recriado e reforçado pelo seu filho, o poeta, autor dos cordéis “Lampião e minha mãe violentada” e “Lampião e o sangue do meu pai”, e que também é fonte base da narrativa do curta-metragem.

Portanto, torna-se importante para este estudo analisarmos como estes discursos são construídos, em qual lugar social eles abrolham, e qual a relação destas versões com a vida e história do poeta Raimundo Santa Helena.

## CAPÍTULO 3

### DE VÍTIMA A FUNDADOR: RAIMUNDO SANTA HELENA, O POETA QUE TRANSFORMOU LAMPIÃO NO “INIMIGO NÚMERO 1 DO POVO BRASILEIRO”

O intuito deste capítulo compreende em abordar a trajetória de Raimundo Luiz do Nascimento, conhecido nacionalmente por Raimundo Santa Helena, poeta, cuja história de vida está profundamente atrelada à história da cidade de Santa Helena. Fato mais que evidenciado pelo seu próprio nome que faz questão de divulgar. Antes de adentrarmos pelos diálogos sobre nosso personagem histórico, o cordelista Raimundo Santa Helena, e a sua relação com a cidade que lhe dá o nome, é importante considerarmos que,

Tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.(...) o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos por que surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório (BOURDIEU, 2002, p.185)

Raimundo Santa Helena nasceu no dia 6 de abril de 1926. Como ele mesmo apresenta: “sua cabeça nasceu na Paraíba e o restante no Ceará” (Crônicas da Vida Raimundo Santa Helena – Secas e Saques, s/d). Nasceu no povoado “Canto de Feijão” (atualmente Santa Helena, que faz divisa com o vizinho estado do Ceará). Filho da senhora Rosa Ferreira do Nascimento (Dona Rosinha) e do agricultor e mestre-de-linha Raimundo Luiz, o primeiro delegado da cidade, que de acordo com os versos de cordel em análise foi assassinado por Lampião e 65 cangaceiros no ano de 1927, quando o bando invadiu o povoado Canto de Feijão. Sua mãe, grávida de cinco meses, também foi agredida pelos cangaceiros que a estupraram e a ferraram com brasas, de acordo com denúncia do próprio cordelista Raimundo.

A biografia, escrita pela sua própria esposa, Yara Lêdo Maltez – e anexada à obra “Crônicas da Vida Raimundo Santa Helena – Secas e Saques” (s/d) produzida pelo próprio Raimundo Santa Helena, em que reúne outros textos –, assegura que o poeta saiu de “Canto de Feijão” aos 11 anos de idade em busca de Lampião e seu bando para vingar a morte de seu pai e o estupro de sua mãe. Sem rumo, tornou-se menino de rua em Fortaleza-CE. Foi

trocador de ônibus, garçom, engraxate, jornalista e, finalmente, “foi retirado da lata do lixo e do colo das prostitutas, por uma professora, que em vez de colocar ‘Mundinho’ numa FUNABEM da vida, deu-lhe estudo, trabalho e religião”. (MALTEZ, p. 30, s/d). Este fato marcaria a mudança da trajetória de Raimundo Santa Helena, que o fez trocar “a liberdade de não ser nada pelo dever de ser útil”. (MALTEZ, p. 31, s/d)

Na sua fase adulta tornou-se combatente da Marinha de guerra, onde por duas vezes foi condecorado pelo Governo brasileiro, “Mundinho” adentrou mundo a fora,

Participou da II Guerra Mundial a bordo do CT Bracuí (...). Durante 25 anos obteve 10 promoções (de grumete a tenente) e foi distinguido com duas viagens aos Estados Unidos. Foi presidente da Associação dos suboficiais e sargentos da Marinha e, em junho de 1975, recebeu das mãos do Almirante Augusto Rademaker o diploma de Sócio Benemérito dessa entidade. (...) Recebeu o diploma e medalha de ouro, como precursor nas gestões para instalação do Sétimo Batalhão da Polícia Militar em Rocha Miranda, no Rio de Janeiro. (MALTEZ, p. 31, s/d)

Paralelo a esse extenso currículo ligado a sua atuação enquanto combatente da Marinha, Raimundo Santa Helena desenvolveu outro, erigido do seu ofício de poeta. É o poeta e não o ex- combatente da Marinha, isto é, é a vida poética de Raimundo Santa Helena que o liga a cidade de Santa Helena - PB.

De acordo com sua biografia, o poeta Raimundo Santa Helena fundou a CORDEL BRÁS (uma organização na cidade do Rio de Janeiro, criada para os interesses dos poetas populares e da literatura de cordel), fundou ainda a ABC (Academia Brasileira de Cordel) em 25/08/1983 teve 4 votos para a Academia Brasileira de Letras. Em 1995 foi agraciado pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro com a Medalha Pedro Ernesto e a Assembleia Legislativa lhe outorgou o título de “cidadão Fluminense”.

Maltez, esposa do poeta, afirma por meio da biografia que ele foi ainda homenageado pela “Ordem Brasileira do Poetas da Literatura de Cordel”, com os seguintes prêmios: “Sócio Benemérito”, “Medalha de Ouro”, “Honra ao Mérito”, “Glória à Arte”, “Medalha Castro Alves” entre diversos outros.

O poeta foi também idealizador de projetos que ele afirma ter sido iniciado pelo seu pai, o delegado Raimundo Luiz, morto por Lampião em 1927, no povoado “Canto de Feijão”. O projeto intitulado “Operação Mandacaru” e “Operação Cobra Verde”, registrados na

Biblioteca Nacional sob os números 30.298/84 e 45.679/88 (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1970, Rio de Janeiro),<sup>5</sup> tinha a intenção de construir açudes públicos nos pequenos municípios atingidos pelas secas.

Estes projetos foram bastante divulgados pela mídia jornalística, tendo em uma das edições do jornal “O GLOBO” (1990)<sup>6</sup>, o título “Santa Helena quer levar sua ideia a Collor”. O jornal comenta que o poeta desejava fazer ao então presidente da República do Brasil uma proposta, ele trocaria:

a arte que o tornou conhecido no mundo inteiro e pega na enxada para trabalhar de graça se o Governo utilizar os Cr\$ 10 bilhões liberados anteontem para o combate à seca no Nordeste na construção de açudes comunitários em todos os municípios da região. (O GLOBO, 1990, Rio de Janeiro).<sup>7</sup>

No entanto, as intenções do poeta em relação aos açudes públicos no sertão nordestino não foram acatadas.

Ainda de acordo com sua biografia anexada à obra “Crônicas da vida Raimundo Santa Helena – Secas e Saques” (s/d), que reúne outros textos, inclusive recortes de jornais, o poeta Raimundo Santa Helena, em 1983 foi homenageado com o “Prêmio Porto São Matheus de Residência Cultural”, ao lado de Augusto Ruschi, Jorge Amado e Gilberto Freyre. O cordelista possui ainda mais de 2 milhões de exemplares de cordel, com temas diversificados, principalmente ligados à vida política e ao social do país. O antigo menino “Mundinho”, ex-morador de rua, percorreu grande parte do mundo chegando a publicar um cordel em 10 línguas.

Raimundo Santa Helena também foi ponte para a realização do curta-metragem “Santa Helena em os Phastasmas da Botija”. Foi por meio da vida do poeta cordelista que o documentário recorreu à cidade de Santa Helena e suas estórias.

Como já foi apresentado no segundo capítulo deste trabalho, nas palavras dos diretores do curta, Petrônio Lorena e Tiago Scorza, a intenção inicial do projeto era a realização de um filme sobre a poesia de cordel no Rio de Janeiro, no entanto o filme ganhou outro rumo,

---

<sup>5</sup> Informações retirada do recorte de jornal, cedido pela professora Ms. Rosilene Alves de Melo (UFCG), encontrado no site: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em 27/03/2013. O fato de ser um recorte de jornal limita nossos dados referenciais, uma vez que no mesmo há recortes e colagens de dados.

<sup>6</sup> Recorte de jornal encontrado no site: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em 27/03/2013.

<sup>7</sup> Informações encontradas no recorte de jornal em: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em 27/03/2013

quando os produtores entrevistaram o poeta, pois eles decidiram construir um documentário a partir da vida de Raimundo Santa Helena.

Formado em jornalismo, o poeta Raimundo Santa Helena no decorrer de sua carreira poética surge por diversas vezes nas principais páginas de vários jornais do país, entre eles: “O DIA”, “O DIÁRIO DA NOTÍCIA”, “O GLOBO”, “A NOTÍCIA”, “JORNAL DO BRASIL”. Também foi manchete no “JORNAL DO COMÉRCIO” em 1993 de Recife (PE).

Ainda em 29 de Junho de 1975, na primeira página do jornal do Rio de Janeiro, “DIÁRIO DA NOTÍCIA”, é publicada uma matéria, de título “Dona Rosa a mulher que encarou Lampião”, tratando - se de uma narrativa de como teria sido o possível encontro da mãe de Raimundo Santa Helena, Dona Rosa, e o “rei do cangaço”, Lampião.

Era um domingo, 16 de Novembro do mesmo ano, quando novamente o “DIÁRIO DA NOTÍCIA”, publicou uma nova matéria sobre o caso, intitulada: “Lampião matou e a viúva quer pensão”, título ilustrado pela fotografia de uma senhora de aparência cansada e cabelos brancos, possivelmente a senhora Dona Rosa.

A intenção primeira desta matéria era reivindicar uma pensão, que na percepção da família Nascimento, e principalmente de Raimundo Santa Helena, era um reconhecimento social do esforço, trabalho e “heroísmo” de seu pai. O fato é revelado pela própria imagem que possui o seguinte anúncio: “Ao bandido, á glória, ao herói, o esquecimento”.



Fotografia de Dona Rosa na matéria do jornal DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Rio de Janeiro – 1975)

Fonte: Recorte de Jornal encontrado no site: <http://www.cnfcp.gov.br/> acesso em 27/03/2013.

A matéria diz que:

Tendo trabalhado até na enxada para sustentar os filhos, dona Rosinha sustenta, entre revoltada e esperançosa, que há 35 anos, o governo lhe deve reconhecimento de que seu marido morreu como soldado, defendendo a lei e a ordem. (DIÁRIO DA NOTÍCIA, Rio de Janeiro, 1975)<sup>8</sup>

A frase que aparece na foto da matéria não deixa dúvidas sobre a genialidade e intenção do poeta Raimundo Santa Helena. Com aquelas palavras escritas na fotografia, Raimundo Santa Helena mostra sua indignação ao fato de Lampião torna-se uma figura pública memorada pela comunidade em geral e configurada pela historiografia. O recorte de jornal demonstra ainda que o poeta reivindica à sociedade o reconhecimento ao mérito dos seus pais, que enfrentaram o “bandido” em 1927, tendo o enfrentamento culminado com o assassinato do delegado Raimundo Luiz, que morreu a serviço do Estado.

O movimento “anti-lampião” é revelado pelos recortes de jornais, iniciado ainda em 1975, ganhou impulso depois de 1991, em decorrência do debate que o Brasil assistiu acerca da construção de uma estátua em Serra Talhada (Pernambuco) em homenagem a Lampião.

A partir deste ano, Raimundo Santa Helena aparece por várias vezes em diferentes jornais brasileiros, gritando notadamente seu ódio a Lampião. É ainda neste período pós-1991 que Raimundo Santa Helena escreve as obras “Lampião e a honra de minha mãe” (1995) e Lampião e minha mãe violentada (data não identificada), enfatizando sua aversão ao cangaceiro.

Em 21 de novembro de 1991, aproximadamente dois meses depois do plebiscito, o Jornal “O DIA”, do Rio de Janeiro, publicou em uma de suas páginas a matéria intitulada: “Reação”, que; afirmava ter o poeta Raimundo Santa Helena, pedido uma liminar na justiça contra a construção do monumento à Lampião em Serra Talhada - Pernambuco.

O mesmo jornal, em 26 de março de 1992, oferece aos seus leitores uma redação de título: “Uma questão de honra”, onde se apresenta mais uma vez a indignação do poeta Raimundo Santa Helena em relação à construção da tal estátua. O jornal narra a suposta

---

<sup>8</sup> Informações retiradas do recorte de jornal, encontrado no site: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em 27/03/2013.

violência que a mãe do poeta sofreu em “Canto de Feijão” por Lampião e seus cangaceiros, e o assassinato de seu pai, o delegado Raimundo Luiz.

A narrativa conta ainda sobre o suicídio de sua mãe Dona Rosinha, acusando como causa a notícia que saíra em 1991 de que Lampião receberia uma estátua em praça pública. Com ar de advertência o jornal relata que o irmão mais novo de Raimundo Santa Helena, Antônio, piloto de avião, investiria contra a estátua em um avião cheio de explosivos, caso ela fosse construída. A redação se encerra com uma ameaça ao prefeito de Serra Talhada.

Por que um Jornal publicaria isso? Essa “ameaça” publicada nacionalmente através de um jornal, demonstra que Raimundo Santa Helena não estava “sozinho” na luta contra a memorização de Lampião. Havia uma gama de apoio silencioso, por meio da mídia em geral, havia muitas outras vozes por traz das falas de contestação de Raimundo Santa Helena, que o “elegeram” como o porta voz do movimento contra a estátua de Lampião, talvez pela sua história de vida, ligada ao Canto de Feijão (Santa Helena).

Em 1993, desta vez em Recife, o “JORNAL DO COMMÉRCIO” anuncia em uma de suas páginas: “Lampião, seca e miséria”, onde o autor mostra-se revoltado, afirmando sua contestação e ódio à idéia de uma estatua a Lampião, e para legitimar sua indignação, ele cita o poeta Raimundo Santa Helena, e a atitude do irmão do poeta, o piloto Antônio, reverenciando-os.

Uma fala que revela a reprodução e repercussão de um discurso de revolta à memorização de Lampião, um discurso que Raimundo Santa Helena faz questão de ser participe ativo, criando uma essência propagada pelos opositores à idéia surgida em Serra Talhada.

De acordo com a análise dos recortes de jornais, apenas em 1997 os jornais trazem novamente a imagem de Raimundo Santa Helena e de seu ódio a Lampião. O jornal “A NOTÍCIA”, do Rio de Janeiro, apresenta aos leitores: “O pai castrado e a mãe estuprada pelo cangaceiro”, expondo mais uma vez o fato acontecido em 1927, no antigo povoado “Canto de Feijão”.

Neste jornal há peculiaridades acerca do tema até então não encontradas nas outras fontes. A primeira é a versão que é apresentada sobre o assassinato do delegado. Em entrevista ao jornal, o cordelista afirma que “primeiro Lampião lutou com meu pai uma luta de espada, como [Lampião] estava perdendo ele atirou em seu olho, e seu irmão mais novo, Ezequiel, atirou na nuca simultaneamente. Não satisfeitos, arrancou seus testículos e deu para os porcos. Pegou o corpo sem vida, colocou num carrinho de mão, e ficou passeando pela

cidade aos gritos: ‘Aqui está o delegado de vocês! Aqui está o delegado de vocês’ (“A NOTÍCIA”, 1997, Rio de Janeiro).<sup>9</sup>

O recorte desse jornal apresenta mais uma reconstrução imagética do delegado Raimundo Luiz, reforçando sua imagem de “guerreiro”, mas, sobretudo reafirmando a figura “covarde” e “diabólica” desenhada para Lampião nas várias falas e versões do poeta Raimundo Santa Helena.

Uma segunda peculiaridade interessante apresentada pelo jornal consiste na afirmação de que o maior motivo da existência do poeta Raimundo Santa Helena é “transformar Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, em o inimigo número 1 do povo brasileiro”. (A NOTÍCIA, 1997, Rio de Janeiro)<sup>10</sup>. Esta declaração revela, por meio principalmente da palavra “transformar”, que Raimundo Santa Helena tornou-se ao longo de sua trajetória, o elemento construtor de todas as narrativas da história de Santa Helena, que elege Lampião como “bandido”, “covarde”, “estuprador”, “cruel”, e que consagra o delegado e sua esposa como heróis e guerreiros.

A afirmação apresentada pelo jornal implica dizer que Lampião não é o inimigo do povo brasileiro, mas Raimundo Santa Helena o transformará, revelando um poder discursivo nas falas do poeta, e acima de tudo reafirmando que os discursos são articulados conscientemente com um propósito, ou seja, com a finalidade de transformar Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, em inimigo número 1 do povo brasileiro.

Raimundo Santa Helena relata por meio do jornal que Lampião era um assassino incomum, pervertido e de uma crueldade gigantesca, que violentava sexualmente seus reféns e se divertia com isto.

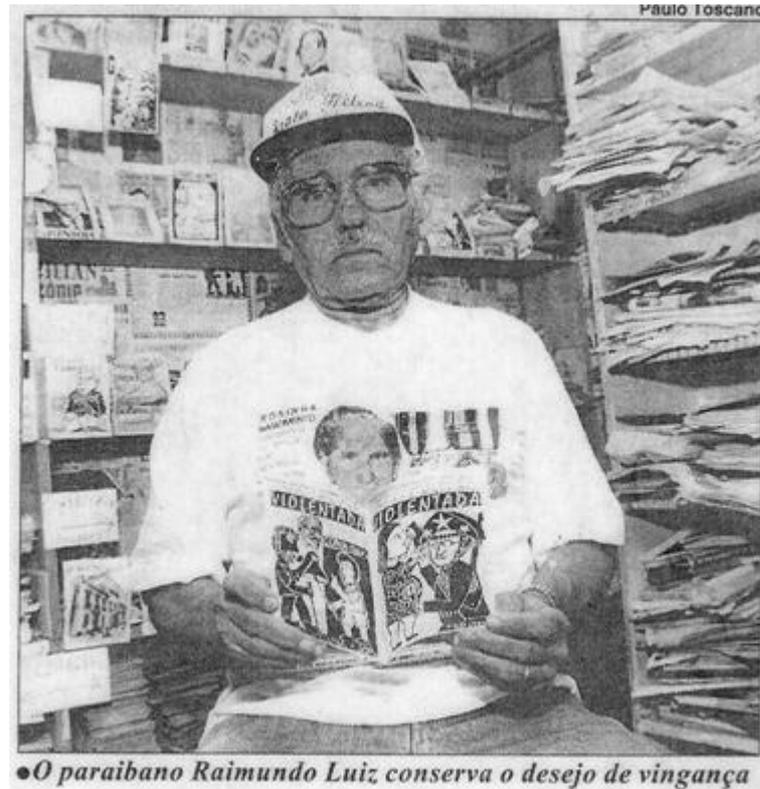
Ainda no mesmo mês e ano, Raimundo Santa Helena e sua história de vida marcada por “violência” e “tragédia” e que envolve Lampião e seu bando no antigo “Canto de Feijão”, vem à tona no jornal “O DIA”, do Rio de Janeiro.

“A luta contra a memória de Lampião” é o título da redação realçado pela foto de um senhor de semblante triste segurando um verso de cordel: “Lampião e minha mãe violentada”. Abaixo da imagem, uma legenda que diz: “O paraibano Raimundo Luiz conserva o desejo de vingança” (O DIA, Rio de Janeiro, 1997)<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> Recorte de jornal, encontrado no site: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em 27/03/2013.

<sup>10</sup> Recorte de jornal, encontrado no site: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em 27/03/2013.

<sup>11</sup> Informações analisadas a partir do recorte do jornal, encontrado no site: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em 27/03/2013.



**O poeta – Raimundo Santa Helena**

Fonte: recorte de jornal (O DIA, 1997, Rio de Janeiro), encontrado no site: <http://www.cnfc.gov.br/>. Acesso em 27/03/2013

O jornal escreve, como nos outros diários, sobre a invasão de Lampião no povoado “Canto de Feijão” em 09 de junho de 1927, o assassinato do delegado Raimundo Luiz e o estupro de Dona Rosinha e relata o desejo de vingança que o Raimundo Santa Helena, o “Mundinho”, carrega consigo desde dos 11 anos de idade.

De todos os recortes de jornais aqui abordados apenas neste o poeta conta que Lampião estava em busca de um dinheiro que seu pai guardava para a ampliação de um açude. Por meio desta narrativa ele dá inconscientemente ou não, ao assassinato outro sentido. Lampião estaria, portanto, em busca de dinheiro. O crime primeiro foi o roubo, o assassinato foi consequência da resistência do delegado, criando-se outra versão para o acontecido.

O recorte do jornal do Rio de Janeiro, “O DIA” (1997), assim como todos os outros aqui analisados, deixa claro a indignação do poeta sobre a construção da estátua de 32 metros em homenagem à Lampião na cidade de Serra Talhada (PE). Nesta redação em análise é anunciado que o poeta reunirá um abaixo-assinado e estará toda semana nas escadarias da Câmara Municipal de Serra Talhada, para impedir a construção da estátua.

Também nesta edição de “O DIA” (1997), o cordelista reforça a ideia de que sua mãe por causa do passado “trágico” em “Canto de Feijão”, quando foi profundamente marcada

pela violência de Lampião, adquiriu depressão, que culminou com seu suicídio, ao pular de um precipício, quando soube da homenagem que receberia o “bandido” Lampião em Serra Talhada.

Na tentativa de “oficializar” seu discurso acerca da depressão de sua mãe, do trauma que ela carregou por toda a vida e do seu suicídio, o poeta Raimundo Luiz apresenta ao jornal e anexa às suas obras, e produções um laudo médico atestando a depressão que sofria a senhora Dona Rosinha.

Nestes discursos sobre a depressão e suicídio da matriarca, Lampião aparece como causa de todos os problemas psíquicos de dona Rosinha, o que legitima o “fantasma” de Lampião em Santa Helena. A matéria do jornal se encerra apresentando a fala do poeta: “Está certo mostrar quem ele foi. O que não está certo é valorizar os seus feitos num memorial” (O DIA, Rio de Janeiro, 1997)<sup>12</sup>, deixando explícito a sua resistência a uma memória social que dê a Lampião algum reconhecimento “especial”.

Do levantamento documental que tenho em mãos, a última “aparição” do poeta em jornais é em 1998. Quando no jornal “O GLOBO” (1998)<sup>13</sup>, do Rio de Janeiro, é reforçado o discurso de ódio do cordelista. É apresentada também a narrativa do suicídio de sua mãe como consequência da possível homenagem à Lampião, e enfatizado a ameaça que Raimundo Santa Helena fez a Serra Talhada: “Se essa estátua for construída eu a derrubarei, e se não conseguir saio do país” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 1998)<sup>14</sup>.

A matéria que é intitulada por: “Amor e ódio em cordel”, não deixa dúvidas que o poeta Raimundo Santa Helena utilizou-se do seu ofício de poeta ou da sua vida poética, do seu amplo currículo ligada à literatura de cordel, para construir um Lampião “bandido e terrível, um “criminoso incomum, dotado de uma crueldade inescrupulosa”, e inseri-lo na história de Santa Helena. Por outro lado, seus versos de cordel e sua erudita trajetória poética arquitetaram para sua família, (pai e mãe) um “heroísmo” sacralizado nas tramas históricas do antigo Canto de Feijão.

O que se observa com esta pesquisa é que em quase todas as obras de Raimundo Santa Helena, assim como em suas apresentações na mídia em geral, o poeta faz alusão a história de seus pais no sítio “Canto de Feijão” no ano de 1927. Ele busca sempre enfatizar que é natural da cidade de Santa Helena, carregando o seu nome. Um símbolo místico e popular, por referir-se também a mãe do primeiro sacristão da localidade e, logo depois, prefeito de São

<sup>12</sup> Informação retirada do recorte de jornal, encontrado no site: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em 27/03/2013.

<sup>13</sup> Recorte de jornal, encontrado no site: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em 27/03/2013.

<sup>14</sup> Informação retirada do recorte de jornal encontrado no site: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em 27/03/2013.

João do Rio do Peixe. Santa Helena gira em torno dos fantasmas de Lampião, aquele que “matou seu pai e violentou sua mãe”.

Praticamente todo o material existente na cidade e que foi possível pesquisar sobre sua história, ou foi escrito por Raimundo Santa Helena ou por meio da vida poética dele.

Partindo da premissa que,

Como o veículo saído de uma fábrica, o estudo histórico está muito mais ligado ao complexo de uma fabricação específica e coletiva do que (...) a ressurgência de uma ‘realidade’ passada. É o produto de um lugar. (CERTEAU, 2008, p. 73)

Entendemos que a história da cidade Santa Helena, como uma narrativa histórica, é produto das articulações teóricas e ideológicas de quem as fabricaram; é fruto de intenções, de evocações, de seleções, de omissões, de recortes temporais, enfim, de um conjunto de operações com uma finalidade e para um determinado público.

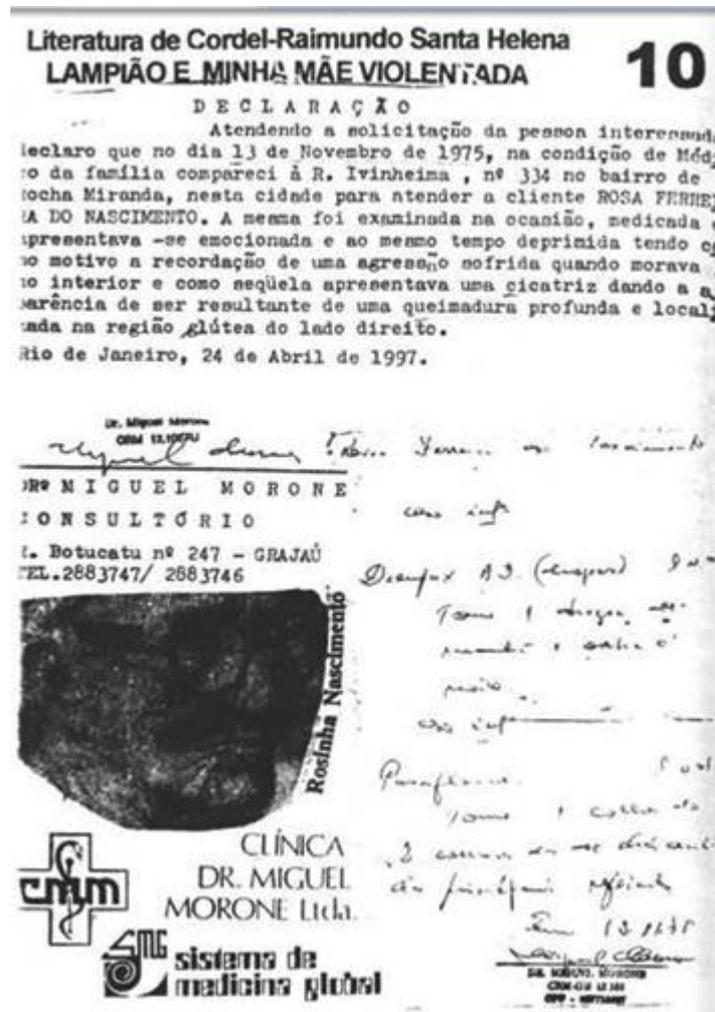
Na nossa concepção, quando o assunto é a construção da história da cidade o poeta Raimundo Santa Helena perde seu posto de vítima e ganha o lugar de agente fundacional na operação historiográfica do local. Raimundo Santa Helena, de vítima torna-se construtor não apenas de sua trajetória, mas da história de toda uma comunidade.

Ele constrói um discurso histórico para a cidade de Santa Helena, que se inicia ainda na década de 70, quando ele aparece na mídia relatando a triste e comovente história da sua família, violentada por um cangaceiro. Não um simples cangaceiro, mas o Lampião, “o rei do cangaço”.

O discurso do poeta passa a ser base fundamental (e fundacional) de todos os outros discursos historiográficos e as possíveis fontes sobre a história de Santa Helena. Não é por acaso que a memória social desta cidade é fundamentada no discurso do cordelista: uma oralidade que se repete pelas ruas e evoca a passagem de Lampião e seus cangaceiros na cidade no ano de 1927.

Se os eventos recriados pelo cordelista existiram ou não, no momento não nos interessa julgar. O fato que nos remete a discussão é que o poeta cria por meio das suas poesias e da sua trajetória erudita, versões e versões, um discurso articulado que revela o interesse contínuo do cordelista de tentar “oficializá-los”, “provar” que tais episódios existiram.

Isto é percebido quando, não inconscientemente o poeta Santa Helena apresenta junto ao seu discurso histórico acerca da passagem de Lampião em Santa Helena, o laudo médico sobre a depressão de sua mãe. É uma tentativa de documentar seu discurso.



Laudo médico do Drº Miguel Morone – (1975)

Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em 27/03/2013.

Do mesmo modo, não é sem motivo que sempre ao falar ou escrever sobre o episódio em que Lampião "assassinou seu pai", ele apresenta um número ou um processo registrado na Procuradoria Geral da Fazenda, de São João do Rio do Peixe, sobre o ocorrido, assim como mostra também o registro de óbito de seu pai: "Processo MF – 0168 – 408111/69, da Procuradoria Geral da Fazenda Nacional; certidão de óbito nº 3.116, de 'São João do Rio do Peixe', Paraíba; documentos de dois prefeitos, da Câmara Municipal e de 35 habitantes" (SANTA HELENA, S/d, p. 30)

Outro fato interessante para somarmos à nossa reflexão é o ato do poeta de tentar criar em Santa Helena no ano de 1996 uma fundação de nome FUNDVILA, que significa Fundação Vítimas de Lampião. Na ocasião do dia 21/12/1996 o poeta registra por meio de

fotografia os membros da fundação (pessoas que alegam ter algum familiar vitimado por Lampião). Os membros são fotografados vestidos com a imagem de sua mãe, dona Rosinha. O poeta data a foto e assina-a como presidente da fundação, nos revelando seu intuito de transformar a imagem em um documento. Ele não se limita em apenas registrar o evento, ele organiza a imagem e coloca-a junto a outras construindo praticamente um álbum fotográfico, que se encontra hoje na biblioteca municipal da cidade.



**Membros da FUNDVILA – Fundação Vítimas de Lampião (1996)**

**Fonte: fotografia encontrada no acervo da Biblioteca Municipal Delegado Raimundo Luiz de Santa Helena - PB**

Ainda no ano de 1996, quando Raimundo Santa Helena visitava a cidade, ele próprio registrou em fotografia o cacimbão de ferro, e criou uma legenda para a imagem indicando que o mesmo foi “construído em 1922 pelo fundador do município de Santa Helena, Paraíba, para abastecer os trens à lenha que cruzavam o vilarejo” (SANTA HELENA, 1996).<sup>15</sup>

A legenda atribuída à imagem do cacimbão de ferro se encerra com um apelo feito por Raimundo Santa Helena às autoridades municipais: “Eu gostaria que este cacimbão fosse tombado pelas autoridades e ali, ao lado, construir-se-ia um monumento ao meu pai. Ele merece.” (SANTA HELENA, 1996) Se por um lado Santa Helena renega a homenagem ao “bandido” Lampião em sua terra natal, preocupa-se pela legitimação de uma memória histórica do seu pai erguida em monumento.

<sup>15</sup> Informações retiradas de um “álbum fotográfico” criado pelo próprio Raimundo Santa Helena e por ele enviado à Biblioteca Municipal de Santa Helena.



**Cacimão de Ferro – 1996 (Santa Helena –PB)**

**Fonte: fotografia encontrada no acervo da Biblioteca Municipal Delegado Raimundo Luiz de Santa Helena - PB**

O poeta Raimundo Santa Helena, por meio da sua trajetória de vida, ligada à literatura de cordel, constrói um discurso histórico para a cidade de Santa Helena, omitindo fatos anteriores a 1927 e realçando a invasão de Lampião e o assassinato do seu pai, o delegado Raimundo Luiz em “Canto de Feijão”. Uma fala que consagra de forma heróica a história de sua família, um discurso que ele fabrica, inscreve, reescreve e reinventa, uma construção que ele divulga, que fundamenta a memória social, e que ele busca oficializar.

Muitos cangaceiros poderiam ter passado pelo povoado, assim como também poderiam ter existido na localidade vários outros símbolos do moderno além do trem, do cacimão e da caixa d’água. Porém, sem a “contribuição” das geniais articulações do poeta, não existiriam estas versões, isto é, justamente esta história de Santa Helena que analisamos no momento é a que foi incessantemente oficializada. Raimundo Santa Helena é, portanto, o grande “fundador”, “operário”, “construtor”, “articulador” da história de Santa Helena.

Os discursos criados e recriados pelo poeta foram construídos em dois momentos diferentes, com finalidades díspares. O primeiro discurso surge quando a partir da década de 1970 o poeta Raimundo Santa Helena utiliza a mídia em geral para divulgar o episódio ocorrido em “Canto de Feijão” no ano de 1927, pretendendo uma pensão para sua mãe, a senhora Dona Rosa. Em 1980 ele constrói seu verso “Lampião e o sangue de meu pai” (discutido no capítulo anterior), para legitimar sua reivindicação.

O segundo momento em que estes discursos são retomados pelo poeta é em 1991, após tramitar a idéia de se construir uma imagem em homenagem à Lampião na cidade de Serra

Talhada (Pernambuco). O poeta culpou esta ação pública como a responsável pelo suicídio de sua mãe. No contexto de repulsão à estátua de Lampião, e diante da morte de sua mãe, ele escreveu o cordel “Lampião e minha mãe violentada”, (data não identificada, mas provavelmente produzida na década de 1990), reconstruindo discursos e versões sobre a passagem de Lampião em Santa Helena. Foi também neste período de movimento anti-lampiãoico, de ódio e repulsa à memorização do “rei do cangaço” (pós-1991), em que o poeta mais aparece nos jornais cariocas apresentando sua versão sobre a história da invasão de Lampião à Santa Helena.

Este discurso está presente nos diários do Rio de Janeiro. Também aparece no cinema e está, ainda, anexado às suas obras e aos seus versos de cordel. Faz-se presente em *sites* e atualmente está arquivado por meio de fotos e monografias na biblioteca municipal da cidade de Santa Helena como sendo a história “oficial” da cidade. Curiosamente está, até mesmo, presente no conjunto de dados do IBGE. Enfim, está espalhado pelo país reproduzindo um real estático e inerte sobre a história da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa desenvolvida compreendemos que o cangaceiro Lampião possui diversas representações na historiografia brasileira, ora como justiceiro e herói, ora como bandido ou “vingador”; ou ainda como partícipe do sistema opressor da década de 1920. Diante de suas várias imagens, o cangaceiro é consagrado pelo discurso sobre a passagem de Lampião em Santa Helena em 1927 como o sanguinário, diabólico responsável pelo assassinato do “fundador” do município e o violentador de sua esposa.

O discurso que fundamentou a memória social e as diversas fontes sobre a invasão de Lampião e o assassinato do delegado Raimundo Luiz procurou eleger duas personalidades distintas para a narrativa: de um lado o “bandido” Lampião e do outro o herói, o delegado Raimundo Luiz.

Porém, “o rei do cangaço”, Lampião, aparece como o elemento cristalizador da narrativa que dá ao delegado Raimundo Luiz um lugar de honra, de fundador e de líder do povoado. É por meio desta invasão do cangaceiro e seus “cabras” no povoado que se cria uma trama elegendo o delegado como herói; e Santa Helena como o cenário mítico do evento.

Afirmar que a cidade foi invadida por Lampião, cangaceiro conhecido mundialmente, é consagrá-la historicamente. Assim como assegurar que o delegado Raimundo Luiz foi assassinado pelo “bandido” Lampião, enquanto defendia seu povoado, é colocá-lo em lugar de honra na história da cidade.

Fundamentada em uma (re) leitura crítica das fontes trabalhadas compreendemos que a cidade de Santa Helena tem sua história construída a partir do discurso de um sujeito: Raimundo Santa Helena, que a “escreve” a partir de um lugar social arraigado por omissões, suposições, divergências, seleções, representações, limitações e acima de tudo interesses.

O poeta Raimundo Santa Helena, filho do delegado Raimundo Luiz, assassinado por Lampião, e de dona Rosinha, estuprada pelo mesmo cangaceiro, perde seu lugar de vítima e assume o papel de “operador” da história de Santa Helena. É este cordelista que cria discursos e versões que mesmo desconstruindo-se em alguns pontos, dão aos seus pais o título de “heróis”.

Analisando as fontes apresentadas descobrimos a preocupação do poeta em legitimar e tornar “oficial” seu discurso e suas versões. Quando o cordelista “anexa” às suas falas laudos médicos, registros, números de processos, fotografias datadas, recortes de jornais, entre outros, ele revela a sua intenção em autenticar seu discurso. É um meio pelo qual ele pretende “documentar” a história “heróica” de sua família e de inseri-la na memória social.

Por meio da sua trajetória poética e de seu currículo culto e intelectual, o cordelista que reside atualmente no Rio de Janeiro utiliza os meios de comunicação de massa para divulgar a história de sua família e a sua relação com a cidade de Santa Helena. Nesta forte difusão de sua versão, a cidade de Santa Helena aparece como cenário da trágica história da família do poeta. Relatos que surgem nas páginas de jornal do Rio de Janeiro, no cinema, em folhetos de cordéis e em programas de rádio e TV.

Percebemos ao longo do estudo que os discursos e versões que balizam a história da passagem de Lampião em Santa Helena aparecem na mídia ou foram construídos com uma finalidade ligada a interesses individuais do poeta Raimundo Santa Helena. Esses interesses se diferenciam e aparecem em dois momentos distintos.

Em um primeiro momento, ainda no ano de 1975 e início da década de 1980, ele constrói um discurso utilizando a imagem de bandido à Lampião e explorada por uma parcela da historiografia, assim como usa o episódio da invasão do cangaceiro e seu bando em 1927 no povoado “Canto de Feijão” (Santa Helena) para reivindicar ao Estado uma “pensão especial” para a sua mãe.

O poeta utilizou a mídia, criando “argumentações” a partir do seu cordel “Lampião e o sangue de meu pai” (1980), reclamando que o delegado Raimundo Luiz teria morrido a serviço do Estado, lutando no ano de 1927 em “Canto de Feijão” (Santa Helena) contra o maior bandido da época. O delegado teria deixado viúva a senhora dona Rosinha. O poeta, sua mãe e seus irmãos teriam ficado desamparados e entregues à miséria. Na perspectiva do poeta, sua mãe merecia um reconhecimento através da pensão.

Sem dúvida, o cordelista desejava ver sua mãe “recompensada” financeiramente, no entanto a acatção das reivindicações dele, legitimaria a versão heróica de seus pais. O reconhecimento nacional do heroísmo de sua família era o objetivo maior do poeta Santa Helena.

O segundo momento em que se reconstroem os discursos que fundamentam a história de Santa Helena é após o plebiscito que surgiu em Serra Talhada (Pernambuco) no ano de 1991, sobre a polêmica construção de uma estátua em homenagem à Lampião.

Pela análise dos recortes de jornais já apresentados, e pelo cordel “Lampião e minha mãe violentada” (data não identificada), concluímos que as produções do poeta Raimundo Santa Helena sobre a invasão de Lampião em Santa Helena e suas “estripulias”, nesse segundo momento, são construídos em um contexto de contestação à imagem e memorização de Lampião. Suas produções literárias, assim como suas “aparições” em jornais do Rio de Janeiro, apontam um movimento anti-lampiãoico.

O poeta culpa como a causa direta do suicídio cometido por sua mãe em 1991 a ideia de se construir em Serra Talhada um monumento à Lampião. Diante do suicídio de sua mãe e da sua repulsão e contestação à criação da estátua de Serra Talhada, o poeta retoma o discurso sobre a invasão de Lampião em Santa Helena no ano de 27, reforça o lugar heróico de sua família (pai e mãe) na história de Santa Helena, e reconstrói os discursos e as versões que fundamentam a memória social e as várias fontes existentes na cidade acerca do tema.

Portanto, concluímos que a história da invasão de Lampião à Santa Helena está ligada diretamente a história da família de Raimundo Santa Helena; e ligada ainda a própria trajetória do poeta, uma vez que ele é o sujeito “fundador” dos discursos e versões sobre o episódio. Discursos estes criados e recriados a partir de dois interesses pertinentes ao poeta.

O primeiro foi explicitamente, o desejo por uma pensão para sua mãe, um reconhecimento financeiro e social, que para reivindicá-lo ele precisou apresentar o episódio da passagem de Lampião em Santa Helena. O segundo interesse, que reconstrói o discurso, é o movimento contra a construção do monumento à Lampião em Serra Talhada, onde mais uma vez ele necessitou apresentar o evento, para reforçar a imagem de “bandido”, “diabólico”, “sanguinário” atribuída a Lampião.

Concluímos ainda que a trama criada a partir do construto imagético-discursivo que sacralizou a história da cidade de Santa Helena por meio da imagem do “bandido” Lampião assassinando covardemente o “fundador”, “líder-herói”, o delegado Raimundo Luiz, ainda abriga uma gama de lacunas passíveis de investigação. Considerando-se que muitas fontes ainda não foram exploradas neste estudo e que abordadas, podem revelar versões interessantes. É fato que neste trabalho as falas dos moradores de Santa Helena foram abordadas apenas a partir da produção do documentário, criando-se a necessidade e a importância de se trabalhar, em outro momento, diretamente com a oralidade dos populares, uma vez que certamente estas falas recriarão a história do “Canto de Feijão” em novas perspectivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Junior Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 3. ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ARANHA, Gervásio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e Região: Tramas políticas - econômicas e Práticas culturais (1880 – 1925)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

BARROZO, Gustavo. **Almas de Lama e de Aço - Lampeão e outros cangaceiros**. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1930.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: **Usos e Abusos da História Oral**. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

CAMELO FILHO, José Vieira. **Lampeão o sertão e sua gente**. 2ª ed. São Paulo: O autor na praça, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **Histórias de botijas e os labirintos do universo assombroso na Paraíba**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

DUTRA, Wesley Rodrigues. **Nas Trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas representações (1922-1927)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRUNSPAN, Jasmim Élise. **Lampeão Senhor do Sertão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **Rebeldes primitivos**: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LE GOFF, Jacques. “Documento/monumento”. In: **História e Memória**. 4ª. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: **Usos e Abusos da História Oral**. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

LIMA, Geralda. **O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado**: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas: Papyrus, 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. 5ª ed. São Paulo: Global, 1997.

SILVA, Francisco Paulo da; TAVARES, Edgley Freire. A inscrição da memória no espaço urbano: efeitos de sentido na contação da invasão de Lampião a Mossoró feita monumento. In: **Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares**. MILANEZ, Nilton; SANTOS, Janaina de Jesus (Orgs.). São Carlos: Claraluz, 2009.

#### **BROCHURAS:**

SANTA HELENA, Raimundo. **Crônicas da Vida Raimundo Santa Helena – Secas e Saques**, s/d.

VITORIANO, Sara. **Santa Helena do passado ao presente**, s/d.

#### **CURTA –METRAGEM:**

*Santa Helena em Os Phantasmas da Botija*. Petrônio Loren e Tiago Scorza, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.curtadoc.tv/>. Acesso em: 23/02/2013

#### **FOLHETOS DE CORDEL:**

*Lampião e Minha Mãe Violentada*. Raimundo Santa Helena (s/d).

*Lampião em Santa Helena*. Valentim Martins Quaresma (2004).

*Lampião e o Sangue de Meu Pai*. Raimundo Santa Helena (1980).

#### **RECORTES DE JORNAIS**

(disponíveis no site: <http://www.cnfcp.gov.br>, acesso em: 27/03/2013)

A NOTÍCIA, Rio de Janeiro, 1997

DIÁRIO DA NOTÍCIA, Rio de Janeiro, 1970.

DIÁRIO DA NOTÍCIA, Rio de Janeiro, 29 de junho, 1975

DIÁRIO DA NOTÍCIA, Rio de Janeiro, 16 de Novembro, 1975.

JORNAL DO COMMÉRCIO, Recife, 1993.

O DIA, Rio de Janeiro, 21 de novembro, 1991.

O DIA, Rio de Janeiro, 26 de março, 1992.

O DIA, Rio de Janeiro, 1997.

O GLOBO, Rio de Janeiro, 1990.

O GLOBO, Rio de Janeiro, 1998.